

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE**

**“UMA AVENTURA PELO CORPO HUMANO”: PRÁTICAS EM
FUNCIONAMENTO EM UM ESPAÇO EDUCATIVO PARA O ENSINO DOS
CORPOS**

TAINÁ DOS REIS GARCIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro

Linha de Pesquisa: Educação Científica:
Implicações das Práticas Científicas na
Constituição dos Sujeitos

RIO GRANDE/RS
2022

Ficha Catalográfica

G216a Garcia, Tainá dos Reis.

Uma aventura pelo corpo humano: práticas em funcionamento em um espaço educativo para o ensino dos corpos / Tainá dos Reis Garcia. – 2022.
108 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Paula Regina Costa Ribeiro.

1. Ensino dos corpos 2. Corpo biossocial 3. Relatos narrativos 4. Espaço educativo 5. Exposição I. Ribeiro, Paula Regina Costa II. Título.

CDU 37:57



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PPG EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E
SAÚDE



ATA DE DEFESA DE MESTRADO Nº 09/2022

Aos dezenove dias do mês de julho de 2022, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, às 13:30 horas, reuniu-se a Comissão Examinadora, via videoconferência, para a Defesa de Mestrado da estudante **Tainá dos Reis Garcia**, composta pelos seguintes integrantes: **Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro (Orientadora/FURG)**, **Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães (FURG)**, **Profa. Dra. Nadia Geisa Silveira de Souza (UFRGS)** e a **Profa. Dra. Suzana da Conceição de Barros (FURG)**. Título do projeto de dissertação: "UMA AVENTURA PELO CORPO HUMANO": PRÁTICAS EM FUNCIONAMENTO EM UM ESPAÇO EDUCATIVO PARA O ENSINO DOS CORPOS. Dando início à reunião, o orientador agradeceu a presença de todos e fez a apresentação da Comissão Examinadora. Logo em seguida, esclareceu que a mestranda teria um tempo de 25 a 40 minutos para a explanação de sua pesquisa, e cada membro da Comissão um máximo de 30 minutos para arguição. A seguir, passou a palavra a Mestranda que apresentou a pesquisa e respondeu às perguntas formuladas pela banca. Após discussão a Comissão reuniu-se para arguição conjunta e considerou a dissertação aprovada com recomendações. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente Ata que, após lida e aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora. Orientações/observações da Banca sobre a pesquisa:

A banca destaca que o tema da pesquisa é relevante e potente para o ensino de ciências, bem como para formação inicial e continuada de professores/as. Frente a isso a banca considera necessária e obrigatória para versão final que sejam levados em consideração os pareceres das três professoras da banca. Além disso destaca-se os itens seguintes como obrigatórios: adensar a fundamentação teórica e metodológica e descrever analiticamente a exposição - seu desenvolvimento, organização, composição e as situações relacionadas a mesma, de forma a pensar esse espaço físico, as visitas e a promoção do debate do corpo biossocial. Destaca que os 3 eixos narrativos precisam trazer as experiências e memórias da mestranda, bem como aprofundar analiticamente cada eixo. Sugere também uma revisão da escrita do texto e das referências bibliográficas.

Obs.: no caso de aprovação com observações, as orientações da banca devem ser acatadas pelo Mestrando na versão final da pesquisa.



Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro (Orientadora/FURG)

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães (FURG)

Profa. Dra. Nadia Geisa Silveira de Souza (UFRGS)

Profa. Dra. Suzana da Conceição de Barros (FURG)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a mim mesma, por não desistir, por seguir em frente guiada pela coragem em meu coração, que é um terreno fértil de cultivar afetos, os quais agradeço a seguir:

À minha orientadora, Paula, minha mana, o alicerce dessa dissertação e motivo pelo qual ela é possível. Agradeço por ter aberto portas anos antes para tantas e tantos, por ser a pessoa mais generosa que tenho o prazer de conhecer, e principalmente, por nunca ter desistido de mim, aguardando o meu tempo de amadurecimento, não medindo esforços para fazer acontecer, tendo sonhado esse sonho junto comigo, vibrando minhas conquistas, e dividindo o fardo dos fracassos. Nenhuma palavra poderia expressar melhor o que sinto em te ter em minha vida que GRATIDÃO.

À querida banca, composta de mulheres que tanto admiro e que me engrandecem enquanto pessoa e pesquisadora, Joaquina, Nádia e Suzana, o meu mais amável obrigada pelo aceite, e principalmente pelas aprendizagens nos processos de qualificação e defesa.

Às/Aos colegas do meu grupo de pesquisa, GESE, pelo carinho de sempre, em especial, as pessoas que pessoalmente se prontificaram em me ajudar, Ana Paula, Karina, Fafá Stein e Joaquina (que exerce um papel duplo nessa trajetória) sempre muito carinhosas, meus mais sinceros obrigada, não foi preciso me trancar na sala, mas foi por pouco.

Às minhas amigas, que estiveram comigo do primeiro ao último dia dessa trajetória, com as quais pude dividir mais que o mestrado, compartilhando a vida, histórias e alguns gatos, Yasmin e Alessa, todo meu amor por vocês.

À minha amiga e inspiração Fafá Branco, que me aproximou do CEAMECIM, apresentou a Exposição e incentivou a pesquisa, além de me presentear com a minha irmã Sarah.

Aos meus amigos que estão longe fisicamente, Andréa e Luiz, que atravessaram mestrados em pandemia junto comigo, segurando minha mão por videochamada e não me deixando desistir, assim como a Carolina, que mesmo de longe me incentivou, saibam que a certeza de que podia contar com vocês foi essencial na minha caminhada.

Aos/às participantes desta pesquisa, que gentilmente compartilharam suas narrativas para que a escrita fosse possível, em especial, meu amigo Maurício, ao qual cooptei para a Pós Graduação em Educação em Ciências.

A minha tia Juciara, que nunca deixou que eu duvidasse de mim mesma e foi minha grande incentivadora.

E finalmente, agradeço e dedico tudo a minha mãe Liziane e minha irmã Pietra, os amores da minha vida, por me amarem e apoiarem incondicionalmente.

Eu sigo
nem sempre na estabilidade
nem sempre na mais intacta sanidade
mas sempre guiada pela verdade
de tudo que eu sou
num mundo faísca
nasci turbilhão
a suavidade e o caos
percorrem meu **corpo** na mesma sintonia.

Ryane Leão

RESUMO

Esta dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa “Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”. A pesquisa tem como objetivo principal investigar a Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos. Como objetivos específicos buscamos: 1) analisar relatos narrativos, produzidos a partir das histórias narradas durante as visitas de estudantes e professores/as à Exposição, a fim de tecer interlocuções com as experiências produzidas nesse espaço; (2) tensionar a Exposição enquanto um espaço educativo que promove a discussão sobre corpos biosociais. Para tanto, estabelecemos conexões com autores/as vinculados/as ao campo dos Estudos Culturais nas vertentes pós-estruturalistas, buscando discutir tanto a Exposição como espaço educativo que produz significados, e busca construir uma relação de ensino-aprendizagem com quem visita, que é tanto diferente do espaço da escola, quanto diferente dos museus e outros espaços educativos, quanto problematizar entendimentos de corpos enquanto histórica e culturalmente produzidos pelas mais diversas instâncias e práticas, como as das famílias, as médicas, as das ciências, das escolas, as religiosas, as produzidas pelas mídias, entre tantas outras. Para proceder tal pesquisa, ancoramo-nos na investigação narrativa enquanto estratégia metodológica. Para a produção dos dados da pesquisa, foi proposto para as/o colaboradoras/r - coordenadoras da Exposição, técnica em educação, bolsistas e professoras -, a construção de um texto sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, e a partir destes, emergiram relatos narrativos que foram organizados em três linhas narrativas: “A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” - Práticas para o debate do corpo biosocial e resistências”, “Experiências e ‘causos’ - Práticas dos corpos, do gênero e da sexualidade” e “Feira do Livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade” sendo cada eixo analisado de modo a refletirmos sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” e as maneiras como ela foi se constituindo, sua história, suas potencialidades, resistências, seus ‘causos’, suas práticas em funcionamento, buscando, ao investigar a Exposição enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos, que ela continue permitindo a construção tanto de aprendizagens coletivas, quanto individuais, possibilitando que cada um/a construa suas próprias aprendizagens a partir do que mais lhe interessa e fascina.

Palavras chave: Ensino dos corpos; Corpo Biossocial; Relatos Narrativos; Espaço Educativo; Exposição.

ABSTRACT

This dissertation was produced in the Graduate Program in Science Education: Chemistry of Life and Health, in the research line “Scientific Education: implications of scientific practices in the constitution of subjects”. The main objective of the research is to investigate the Exhibition “An adventure through the human body” as an educational space that teaches and discusses bodies. As specific objectives we seek to: 1) analyze narrative reports, produced from the stories narrated during the visits of students and teachers to the Exhibition, in order to weave dialogues with the experiences produced in this space; (2) tension the Exhibition as an educational space that promotes the discussion about biosocial bodies. In order to do so, we establish connections with authors linked to the field of Cultural Studies in post-structuralist strands, seeking to discuss both the Exhibition as an educational space that produces meanings, and seeks to build a teaching-learning relationship with those who visit, who are both different from the school space, and different from museums and other educational spaces, as well as problematizing understandings of bodies as historically and culturally produced by the most diverse instances and practices, such as those of families, doctors, science, schools, religious , those produced by the media, among many others. To carry out this research, we anchored ourselves in narrative investigation as a methodological strategy. For the production of research data, it was proposed to the collaborators/r -exhibition coordinators, education technician, scholarship holders and teachers-, the construction of a text about the Exhibition “An Adventure for the Human Body”, and from from these, narrative reports emerged that were organized into three narrative lines: “The Exhibition “An Adventure for the Human Body” - Practices for the debate of the biosocial body and resistances ”, “Experiences and 'stories' - Practices of bodies, gender and sexuality" and "Book Fair - Practices of extension and approximation with the community" being each axis analyzed in order to reflect on the Exhibition "An Adventure for the Human Body" and the ways in which it was constituted, its history, its potential , resistances, their 'stories', their practices in operation, seeking, when investigating the Exhibition as an educational space that teaches and discusses bodies, that it continues to allow the construction of both collective learning, and individual, allowing each one to build their own learning based on what interests and fascinates them most.

Keywords: Teaching of bodies; Biosocial Body; Narrative Reports; Educational Space; Exposition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Equipe do CEAMECIM na 45ª Feira do Livro.....	15
Figura 2 - Equipe CEAMECIM na 1ª Feira das Profissões.....	16
Figura 3 - Equipe CEAMECIM na 1ª Feira das profissões.....	17
Figura 4 - Atividade com esqueleto no CEAMECIM.....	17
Figura 5 - Ônibus laboratório e bolsistas	18
Figura 6 - Atividades de microscopia no ônibus.....	18
Figura 7 - Atividade de resinas no ônibus	19
Figura 8 - Entrada da Exposição	18
Figura 9 - Interior da Exposição.....	19
Figura 10 - Estudantes no interior da Exposição.....	19
Figura 11 - Retrato do médico Andreas Vesalius.....	26
Figura 12 - Obra “De humani corporis fabrica” de Andreas Vesalius.....	26
Figura 13 - Modelos explicados por Thomas Laqueur.....	28
Figura 14 e 15 - Imagens de corpos de um livro de Ciências evidenciando o “corpo organismo”.....	35
Figura 16 - Imagens de corpos de um livro de Ciências evidenciando o “corpo máquina”.....	36
Figura 17 - Capa do livro “Os 15 anos de Mariana”.....	38
Figura 18 - Capítulo “Escola, Família, Festa de 15 anos, Corpos em Evidência”.....	38
Figura 19 - Capítulo “Se bem me lembro, falta-me memória”.....	38
Figura 20 – Capítulo “Na cor do verão em qualquer estação: A Exposição solar e seus efeitos no corpo”.....	38
Figura 21 - Capítulo “Hoje é dia de festa, corpos ligados, sentidos aguçados”.....	39
Figura 22 - Capítulo “Porque crescer não é tão simples assim? Hormônios, tecido ósseo, altura”.....	39
Figura 23 - Capítulo “Remodelando o corpo: Reeducação Alimentar”.....	39
Figura 24 - Capítulo “Enfim, o grande dia chegou”.....	39
Figura 25 e 26 - Imagens do projeto e Exposição “Aventure-se pelos caminhos do corpo humano”.....	42
Figura 27 - Primeira montagem da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	43

Figura 28 - Entrada da Exposição.....	47
Figura 29 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	47
Figura 30 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	48
Figura 31 - Exterior da Exposição.....	48
Figura 32 - Entrada da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	49
Figura 33 – Entrada da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	49
Figura 34 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	50
Figura 35 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	51
Figura 36 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	52
Figura 37 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	53
Figura 38 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	53
Figura 39 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	55
Figura 40 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	55
Figura 41 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	56
Figura 42 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	57
Figura 43 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	58
Figura 44 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	58
Figura 45 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	59
Figura 46 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	60
Figura 47 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	62
Figura 48 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	62
Figura 49 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	63
Figura 50 - Exterior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	63
Figura 51 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	64
Figura 52 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	64
Figura 53 - Exterior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	65
Figura 54 - Visita a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	66
Figura 55 - Convite feito as/os colaboradoras/es.....	73
Figura 56 – Linhas narrativas produzidas na pesquisa.....	75
Figura 57 - Novo Local da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	97
Figura 58 - Reconstrução da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	97
Figura 59 - Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.....	98

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CEAMECIM - Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática

COVID-19 – (Co)rona (Vi)rus (D)isease. O número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados.

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

Gese - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

OMS – Organização Mundial de Saúde

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docências

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM - Universidade Federal DE Santa Maria

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

SUMÁRIO

1 ENTRANDO DE CABEÇA	11
2 QUANDO O CORAÇÃO BATE MAIS FORTE	14
3 MAIS QUE MÚSCULOS, OSSOS E TENDÕES: O QUE SUSTENTA ESSA PESQUISA	24
3.1 Um Recorte Das Historicidades Dos Corpos	24
3.2 Problematizando entendimentos de corpos	32
3.3 A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” como espaço educativo	39
3.4 Que corpo é esse?! Apresentando a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”	43
4 POR ONDE O SANGUE CORRE: APRESENTANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	68
5 O MEU, O SEU, O NOSSO: ANALISANDO RELATOS NARRATIVOS	76
5.1 A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” - Práticas para o debate do corpo biossocial e resistências	76
5.2 Experiências e ‘causos’ - Práticas dos corpos, do gênero e da sexualidade	83
5.3 Feira do Livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade	88
6 UM ÚLTIMO MERGULHO	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	

1 ENTRANDO DE CABEÇA

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão. (LARROSA, 2018, p. 10).

Ao iniciar esta escrita, mobilizo-me pelas potentes palavras de Jorge Larrosa a pensar os entendimentos de experiência em articulação com o tema desta pesquisa, um tema que me tocou, atravessando e mobilizando a articular diferentes discussões e aproximações com as experiências produzidas em e por mim, durante minha trajetória.

Para isso, trago uma breve narrativa a respeito de minha trajetória acadêmica, a fim de apresentar os sentidos que fui dando as minhas vivências baseadas nas experiências que foram me transformando e produzindo os mais diversos efeitos em mim, refletindo diretamente em quem sou e como venho me constituindo enquanto pesquisadora. Entendo que, ao me aproximar dessas vivências, é possível criar ferramentas para, não apenas pensar nos caminhos que percorri, mas também refletir sobre minhas escolhas.

As inquietações que impulsionaram a elaboração desta dissertação, defendida no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, vinculado à linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, associação ampla UFRGS/UFSC/FURG, surgiram concomitante às minhas vivências enquanto bolsista do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática - CEAMECIM ainda enquanto aluna de Ciências Biológicas, das quais uma das funções era a de monitora da Exposição “Uma aventura pelo corpo humano”. Com o passar do tempo, tais experiências levaram-me a refletir e iniciar a pesquisa interrogando a respeito das aprendizagens construídas pelos/as os/as estudantes após a experiência de visitar esse espaço educativo, assim como o entendimento dos/as professores/as que visitam a Exposição.

Contudo, esta dissertação carrega as marcas dos acontecimentos, e, portanto, a partir da suspensão das atividades acadêmicas presenciais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG no ano de 2020, foram necessárias algumas modificações no delineamento desta pesquisa, visto que inicialmente iríamos acompanhar em forma de observação participante as visitas realizadas na Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, localizada no Centro de Educação Ambiental Ciências e Matemática - CEAMECIM, além de manter diários de campo

com os registros dessas visitas. Buscando adequar essa pesquisa a nova realidade mundial causada pela pandemia do COVID-19 confirmada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e as medidas de distanciamento social, que acarretaram a suspensão das atividades acadêmicas pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, optamos, em um primeiro momento, por dois movimentos de pesquisa: (1) analisar textos narrativos produzidos pelas integrantes do CEAMECIM que atuavam/atuam como bolsistas, professoras parceiras e coordenadoras no projeto da Exposição e; (2) realizar entrevistas narrativas com as/os professoras/os a fim de entender como eles/as percebem a potencialidade pedagógica da Exposição, como e se esses/as professores/as que visitam a Exposição entendem esse espaço como educativo, que trabalhos realizam antes ou após a visita à Exposição e discutir as possíveis contribuições da visita a Exposição para que os/as estudantes construam diferentes entendimentos sobre os corpos.

Contudo, ao iniciarmos as entrevistas com os/as professores/as em janeiro de 2021, conforme previsto no projeto aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE 36734920.4.0000.5324) e com a permanência da suspensão das atividades acadêmicas também no ano de 2021, percebemos uma enorme dificuldade por parte dos/as professores/as em lembrarem as experiências vividas durante a visita na Exposição. Essa dificuldade se justifica principalmente por conta do tempo, afinal, a pandemia nos afastou das atividades presenciais por pelo menos um ano. Além disso, poucos/as professores/as responderam ao convite.

Entendendo então, que mesmo com a mudança de metodologia, não conseguiríamos atingir nossos objetivos de pesquisa, de **investigar a Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos**, elaboramos uma outra estratégia, solicitando através de um convite, que as/o colaboradoras/r¹ da pesquisa compartilhassem as suas experiências com a Exposição, através de textos/áudios/vídeos narrativos.

A fim de apresentar essa pesquisa, descrevo a seguir sua estrutura, que está organizada em: **Entrando de cabeça**, apresento a introdução da pesquisa. **Quando o coração bate mais forte**, artigo minha trajetória acadêmica ao objetivo e justificativa desta pesquisa, **Mais que músculos, ossos e tendões: o que sustenta essa pesquisa**, apresento as perspectivas teóricas que fundamentam essa pesquisa, buscando discutir a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” como espaço educativo e problematizar entendimentos de corpos. **Por onde o**

¹ As/o colaboradoras/r da pesquisa serão apresentadas no item 4: Por onde o sangue corre: apresentando as estratégias metodológicas

sangue corre: Apresentando as estratégias metodológicas, apresento a investigação narrativa e os procedimentos desta pesquisa, na qual exponho as estratégias metodológicas que permitiram os caminhos a serem utilizados para compreensão do objeto investigativo e a colaboração entre a pesquisadora, colaboradores/as da pesquisa e contexto sociocultural, nos aproximando assim, da pesquisa qualitativa, por compreendê-la como uma análise que leva em consideração as peculiaridades e a importância em cada relato narrativo das experiências vividas pelas/o colaboradoras/r da pesquisa. **O meu, o seu, o nosso: analisando relatos narrativos**, analiso os relatos narrativos que foram organizados em três linhas temáticas: a linha **“A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” - Práticas para o debate do corpo biossocial e resistências ”** que emerge a partir das diferentes perspectivas narradas sobre a Exposição: os entendimentos necessários para a criação de seu espaço, suas atuações, tensionamentos e potencialidades, a linha **“Experiências e ‘causos’ - Práticas dos corpos, do gênero e da sexualidade”** que emerge a partir dos apontamentos feitos e situações narradas pelas colaboradoras no relato narrativo e a linha **“Feira do Livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade”** que emerge pois ao trilhar a história da Exposição, a feira foi a primeira vez em que foi montada, sendo assim, um norteador das provocações dos/as visitantes e um último mergulho, teço considerações finais e reflexões acerca desta pesquisa.

2 QUANDO O CORAÇÃO BATE MAIS FORTE

Buscando justificar esse estudo, articulo com minha trajetória acadêmica que se inicia no curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, resgatando e delineando os fatos que ao decorrer da minha construção enquanto sujeito e pesquisadora aproximaram-me do campo da educação e mais tarde levaram-me a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências.

Ainda enquanto estudante de graduação em Ciências Biológicas, sempre com uma curiosidade aguçada, participei de diversos projetos de iniciação científica, em diferentes laboratórios, passando pela genética, botânica, micologia, etc. Estes, entretanto, em sua maioria consistiam basicamente em sucessivas leituras bibliográficas e cumprir horários em laboratórios, arrumando vidrarias e instrumentos para que outros/as pesquisadores/as fizessem de fato suas pesquisas. Com o tempo, a falta de retorno para a comunidade começou a me trazer inquietações e questionamentos sobre os objetivos da ciência que é produzida nas universidades, ciência essa que de acordo com Lavínia Schwantes (2015, p. 46) vem “sendo tomada como algo tão precioso que os conhecimentos produzidos através de seus métodos são considerados absolutos e úteis, neutros e incontestáveis”.

Buscando outros entendimentos de ciências, alcei novos caminhos e ingressei em um subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, chamado de “Interdisciplinar”, onde então, inserida em um grupo diverso, junto a estudantes de diferentes cursos, tive a oportunidade de me aproximar, de fato, de comunidades escolares, fazendo visitas periódicas a todas as escolas envolvidas no projeto, além de ministrar aulas em conjunto e pensadas de forma a articular diferentes áreas de forma interdisciplinar. A partir dessas vivências e do contato com essas comunidades, comecei um movimento que me possibilitou enxergar a produção da ciência por outros ângulos, como uma forma de produção de conhecimento cultural e social, além de mostrar outras realidades e me fazer querer, cada vez mais, levar um retorno para a comunidade.

Com o fim do meu período no projeto do PIBID, pela primeira vez desde que a graduação começara, não estava envolvida diretamente em nenhum projeto, havia me planejado para um período de concentração apenas na graduação e nos estágios docentes que viriam em seguida, porém, numa terça feira chuvosa a professora Fabiane Branco bradou pelos corredores do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática - CEAMECIM

que precisava de alguém “bem falante” para preencher uma vaga de bolsista. E foi assim, que em uma quarta feira ensolarada de 2017, me tornei parte da equipe do CEAMECIM.

Fazer parte dessa equipe, composta de bolsistas de graduação em diversos cursos, professoras da rede municipal de educação, técnicas em educação, professoras da universidade, etc.. mudou toda a perspectiva da minha caminhada enquanto pesquisadora. Nunca antes eu tinha estado em um lugar de tanto afeto, ou melhor, como aprendi em nossa convivência: “confetos” - conceitos e afetos - (SATO, 2005, p. 110).

O CEAMECIM no geral, tem uma forte marca no que se refere a relação das pesquisas com a extensão, ao criar atividades voltadas para as escolas e comunidades em geral. Entretanto, trata-se de um Centro de Educação composto por diversas pessoas e diferentes entendimentos, por isso, foco em minha própria trajetória, tendo enquanto bolsista, participado dos mais variados projetos e atividades extensionistas, sempre tendo como objetivo integrar a escola, comunidade e universidade, desde oficinas pedagógicas com professoras/es das escolas, a oficinas com estudantes, participações na Feira do Livro, da qual o CEAMECIM é um parceiro de longa data, sempre levando atividades marcantes para a história da feira (figura 1), a Feira das profissões da FURG (figuras 2 e 3) e uma gama quase que infinita de atividades produzidas e executadas tanto no espaço do CEAMECIM, quanto nos espaços escolares (figura 4).

Figura 1 - Equipe do CEAMECIM na 45ª Feira do Livro



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 2 - Equipe CEAMECIM na 1ª Feira das Profissões



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Figura 3 - Equipe CEAMECIM na 1ª Feira das profissões



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 4 - Atividade com esqueleto no CEAMECIM



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Uma das atividades de destaque, se intitula “Ônibus Laboratório - Viajando com a Ciência” (figuras 5, 6 e 7) que desde 2012, periodicamente vai até as escolas da rede pública municipal de Rio Grande/RS, para realizar atividades práticas/experimentais com os/as estudantes do Ensino Fundamental. No início de cada ano letivo, procuramos as escolas para articular as visitas do ônibus, até o ano de 2019, foram atendidas 38 escolas e aproximadamente 4000 alunos/as. A atividade tem como objetivo possibilitar a aproximação da ciência ao cotidiano dos/as estudantes, tentando desmistificar que a ciência somente pode ser feita por cientistas e em laboratórios, para isso, a equipe de monitores, em conjunto, pensa em atividades gerais e em conversa anterior com a escola, são apontadas especificidades daquele local, sendo assim, em cada escola são apresentadas diferentes atividades. Com isso, recebemos muitos retornos positivos por parte dos/as professores/as, informando que após a visita do ônibus o interesse e a curiosidade dos/as estudantes aumentaram. Assim, os/as professores/as dispõem de um aparato para fomentar novas discussões na sala de aula, e o

objetivo da atividade em difundir e popularizar a ciência no ensino básico tem se mostrado muito pertinente.

Figura 5 - Ônibus laboratório e bolsistas



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 6 - Atividades de microscopia no ônibus



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 7 - Atividade de resinas no ônibus



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Outro destaque é a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, a qual me conquistou pelo caráter dinâmico e me cooptou para pesquisá-la posteriormente. Como monitora, afirmo que nenhuma visita é igual a outra, cada turma é um universo particular de possibilidades, dúvidas, anseios e discussões promovidas. Por isso, a vontade de pesquisá-la foi crescendo à medida que mais e mais turmas passavam pela Exposição.

A Exposição “Uma aventura pelo Corpo Humano”, como conhecemos hoje (figuras 8, 9 e 10), consiste em um projeto de extensão desenvolvido no CEAMECIM da Universidade Federal do Rio Grande, e iniciado em 2015, sendo planejada para promover uma aprendizagem significativa acerca dos corpos, tendo como objetivo discutir o ensino do corpo de forma bio-social. Para isso, as escolas são chamadas a participar da aventura, que conta com um espaço físico que busca representar o interior do corpo humano com modelos de órgãos, adereços, grafites e cartazes com explicações sobre o funcionamento desses. Para esta atividade, os/as alunos/as são convidados/as a imaginarem que são um alimento que ao ser engolido, percorrerá o tubo digestório, interagindo com os órgãos dos demais sistemas do corpo humano. Esse percurso é guiado pelos/as monitores/as.

A entrada de todos é pela boca, como a estrutura está dividida de forma em que é facilitado o entendimento dos/as estudantes a respeito das relações existentes neste corpo, como por exemplo, a saliva que surge em nossa boca quando sentimos um cheiro bom de

alimento ou mesmo visualizamos esse alimento, o funcionamento do nosso cérebro e das glândulas salivares, assim como a relação existente entre a vontade de urinar, a necessidade de eliminar toxinas através da urina e o nosso cérebro, a relação entre os nossos pulmões e o cigarro, nossa alimentação e o milho nas nossas fezes, os genitais femininos e masculinos e os métodos contraceptivos. A saída pode ser pelo ânus, ou pelo canal vaginal, onde os/as estudantes são convidados a nascer novamente. Discutiremos mais profundamente o espaço da Exposição no item 3.3 - **A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” como espaço educativo.**

Figura 8 - Entrada da Exposição



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 9 - Interior da Exposição



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 10 - Estudantes no interior da Exposição



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Seguindo minha trajetória enquanto monitora da Exposição, ainda na graduação e antes mesmo de integrar o GESE - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - oficialmente, já participava como voluntária das diversas atividades idealizadas pelo grupo, seja fazendo a divulgação nas escolas da Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero ou ajudando na montagem e organização de eventos como o lançamento do movimento “HeForShe” na FURG, o “Seminário Integrador 15 anos do Gese: interlocuções sobre gêneros e sexualidades nas escolas” e o “Seminário Integrador: vai ter gênero e sexualidade na escola, sim!”. Além de ajudar na organização dos eventos, aos poucos fui me aventurando em submeter trabalhos para apresentar nos mesmos, já sob a orientação da professora Paula Ribeiro, que mais tarde, viria a ser minha orientadora nesta dissertação.

Sendo assim, no evento “VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso- Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade”, dei meus primeiros passos no que viria a se transformar no tema de pesquisa desta dissertação, apresentando um trabalho intitulado “O ensino do corpo biossocial através da Exposição ‘Uma Aventura pelo Corpo Humano’”¹

Nessa apresentação, estava presente como coordenadora do eixo temático² a professora Nádia Geisa Silveira de Souza, estudiosa de temáticas relacionadas à constituição dos corpos na perspectiva biossocial, ou seja, o corpo como efeito das relações entre o biológico e o social na sua existência, ao qual me apoio nessa pesquisa, apontando-me as potencialidades de pesquisar essa temática.

Ao fim da graduação, participei como ouvinte da disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, “Seminário: Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas e Culturais”, ministrada pelas professoras Paula Ribeiro, Joanalira Magalhães e Juliana Rizza, em que tive um maior contato com a obra de Michel Foucault e dos Estudos Culturais e suas diferentes concepções teóricas e metodológicas, além de me aproximar ainda mais do GESE.

No segundo semestre do ano de 2019, participei da seleção para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Para a seleção era necessária a elaboração de um projeto de pesquisa e ao interrogar quais temáticas despertavam a paixão necessária para ficar, por um longo período, debruçada, estudando, (re)pensando, analisando, produzindo sentidos e interrogando sobre, não tive dúvidas: minha temática de pesquisa seria a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”

A escolha deste tema, em detrimento de outros, expõe minhas subjetividades, mostrando que embora minha formação inicial, ou o lugar discursivo de onde saí, seja na dita “Ciência Dura”, que segue a risca o método científico – em que “pão é pão”, como a orientadora desta dissertação costuma dizer – procurei, assim como Deleuze (1992, p. 131), “aquilo com o que estamos em vias de romper para encontrar novas relações que nos expressem”, sendo atravessada por outros jogos de saberes e poderes, que me levaram não a escolher, mas a ser escolhida pela temática que mais adquiriu-me sentidos, significou, subjetivou e sujeitou enquanto monitora da Exposição.

Portanto, propomos como **objetivo geral, investigar a Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos**, para que possamos discutir tanto sobre os corpos, - ainda que algumas vezes nesse texto o termo corpo apareça no singular, a partir da perspectiva que adotamos na pesquisa de uma orientação pós-estruturalista, estamos falando de corpos que são atravessados pela cultura, ciência, mídia, singularidades, ou seja estamos falando de corpos envelhecidos, generificados, gordos, altos, modificados, infantis, doentes, com qualquer orientação sexual, religião, cor...

² <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/334.pdf>

enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes - quanto discutir as temáticas que os atravessam e constroem, veiculadas nas mídias, os livros, e as estratégias como a Exposição “Uma aventura pelo corpo humano”. Como **objetivos específicos** buscamos: 1) analisar relatos narrativos, produzidos a partir das histórias narradas durante as visitas de estudantes e professores/as à Exposição, a fim de tecer interlocuções com as experiências produzidas nesse espaço; (2) tensionar a Exposição enquanto um espaço educativo que promove a discussão sobre corpos biossociais.

3 MAIS QUE MÚSCULOS, OSSOS E TENDÕES: O QUE SUSTENTA ESSA PESQUISA

Nas últimas décadas os corpos foram definidos e estudados por diversos campos de saber e instâncias sociais, de diferentes ideologias, pensamentos e tecnologias, fundamentando a forma como vemos, tratamos e estudamos esses corpos até hoje. Assim, entendemos que diferentes discursos sobre os corpos que hoje são tomados como verdadeiros foram construídos historicamente em diferentes épocas, de acordo com determinadas condições de possibilidade.

Entretanto, o esforço acadêmico de diversas pesquisadoras e pesquisadores têm nos possibilitado (re)pensar, interrogar e até mesmo romper com práticas educativas e sociais que ainda hoje são hegemônicas no ensino dos corpos, onde estes são entendidos como um fenômeno puramente biológico, fragmentado, mecanizado, universalizado. Para tanto, estabelecemos articulações com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, a fim de construir o referencial teórico e analisar as narrativas sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.

Assim, entendemos os corpos como histórica e culturalmente produzidos pelas mais diversas instâncias e práticas, como as das famílias, as médicas, as das ciências, das escolas, as religiosas, as produzidas pelas mídias, entre tantas outras. Em um primeiro momento, apresentamos um recorte que aponta como os corpos foram e vão sendo produzidos ao longo do tempo por diferentes culturas e sociedades, em seguida problematizamos os entendimentos de corpos e discutimos a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” enquanto um espaço educativo produtor de conhecimentos sobre os corpos. Por fim, descrevemos a Exposição de forma detalhada.

3.1 Um Recorte Das Historicidades Dos Corpos

Para se entender os sentidos construídos para os corpos revisitei alguns momentos da história, a fim de conhecer as diferentes formas como os corpos foram pensados e constituídos por diferentes culturas e sociedades. Estamos entendendo que o mais importante não é uma delimitação específica de datas, séculos ou épocas, mas sim um olhar para quais traços se destacaram em determinados períodos e contextos históricos, visando compreender os diversos sentidos e significados atribuídos aos corpos que foram sendo construídos.

Em suas obras, Michel Foucault (1987, 1979, 1985) não se propõe em definir algum tipo de conceito sobre “o corpo”, mas seu pensamento se reserva a analisar os discursos e práticas que atuam e produzem os corpos. Para o autor (1987), o corpo não pode estar limitado às concepções orgânicas e nem deve ser pensado a partir de sua existência a priori, mas deve ser problematizado como um campo de operação de diferentes dispositivos, em que forças se encontram em constantes combates, produzindo-o.

Assim, ainda para Michel Foucault, “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (1987, p. 28), além disso, a medida em que novas técnicas para examiná-lo e explorá-lo foram sendo produzidas em nossa sociedade, esse corpo, foi sendo historicamente visualizado, dissecado, marcado, esquadrinhado, e redescoberto.

Por isso, conhecer a historicidade dos corpos, de certa forma, nos possibilita conhecer algumas práticas sociais e culturais, implicadas nos processos civilizatórios no ocidente, entendendo que cada sociedade, cada cultura age sobre os corpos determinando-os, construindo suas próprias particularidades e priorizando determinados atributos em detrimento de outros.

Surgem, com isso, determinadas formas de como ser e estar em sociedade que vão interpelando os indivíduos para que se construam como homens ou como mulheres produzindo sentidos e marcas que ao serem inscritas nos corpos produzem os sujeitos. Contudo, é importante destacar que, de maneira geral, as transformações sofridas pelos corpos ao longo tempo são efeito de práticas culturais cotidianas em funcionamento em várias instâncias sociais imbricadas as dimensões políticas, econômicas, religiosas, etc.

Tendo em vista as representações³ dos corpos que foram construídas ao longo da história, e que a ciência, a religião, a educação, a moral, os costumes e outros serviram ou atuaram como verdades para produzir uma “política de compreensão do corpo” (CASSIMIRO; GALDINO; SÁ, 2012, p. 67), o que foi realizado neste capítulo é apenas um breve recorte de algumas representações para que sejam situados os contextos em que os corpos assumiram variadas características, bem como as diversas formas como foram tratados.

³ A partir das vertentes pós-estruturalistas, entendemos a representação como inscrição, marca, traço, significante e não apenas como processo mental - é a face material, visível, palpável do conhecimento (SILVA, 1999, p. 32).

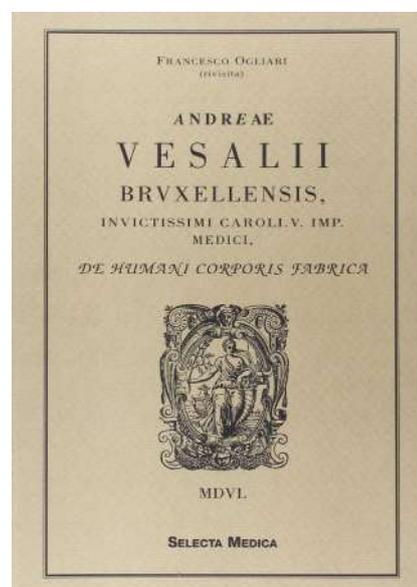
Para isso, focamos primeiramente nos séculos XV e XVI, em que a anatomia humana ganha um novo sentido, tanto da pedagogia – aqui entendida em termos de regras de civilidade (SANT'ANNA, 1995) – quanto das artes, através de pintores como Leonardo da Vinci, e da medicina, em que os entendimentos da anatomia progridem junto às dissecações que, a essa altura, se multiplicam pela Europa. O médico André Vesálio (figura 11), para escrever sua obra “De humani corporis fabrica” (figura 12), publicada em 1543, que de acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna, “procedeu a inúmeras dissecações, e muitas delas eram transformadas num espetáculo aberto ao público, que durava dias.” (1995, p. 246).

Figura 11 Retrato do médico Andreas Vesalius
Vesalius



Fonte: Everett Historical / Shutterstock.com, 2022.

Figura 12 Obra “De humani corporis fabrica” de Andreas Vesalius



Fonte: Everett Historical / Shutterstock.com, 2022.

Ainda de acordo com Sant’Anna, é a aparição da obra de Vesálio que “marca uma verdadeira ruptura em relação às concepções médicas existentes até então” (1995, p. 246) pois, esta contribuiu para modificar o imaginário do corpo ocidental, tornando o cadáver “menos misterioso e mais banal, um objeto laicizado e a serviço da ciência.” (1995, p. 246).

Essa ruptura surge justamente pois anterior a Vesálio e seus espetáculos de dissecação, que expunham os segredos da carne humana, indiferente às tradições religiosas e à identidade do cadáver exposto-, em geral, as dissecações eram uma prática mal vista, visto que até mesmo o cadáver, ou a própria redução dele, o esqueleto, ainda era digno do homem, Como afirma Le Breton (1990, p. 49), nessa época, o corpo era considerado o “registro do ser”: o homem era o seu próprio corpo.

É apenas no Renascimento que o corpo começa a distinguir-se do “eu”, tornando-se assim uma posse, algo que se tem e não mais apenas aquilo que se é, entretanto, isso ocorre apenas entre as classes sociais superiores, pois para a maior parte da população, por diversas razões, sociais, econômicas e religiosas, o corpo permanece “ligado à natureza e subordinado aos costumes comunitários.” (SANT'ANNA, 1995, p. 246).

Na busca por um conhecimento que fugisse às explicações religiosas e aos dogmas da Igreja, no renascimento passa-se a atuar sobre as coisas para conhecer, produzindo um conhecimento empírico, baseado na racionalidade, especialmente sobre o corpo. Tal processo cria o que chamamos hoje de conhecimento científico.

Com os avanços desses conhecimentos científicos e das ciências e, partindo de entendimentos, posteriormente explorados por Descartes (1983), temos uma visão de corpo “dualista” e “cartesiana”. De acordo com Manuel Sérgio (2003, p. 12) Descartes escreve: “Eu sou um ser que pensa, proclamou-se assim o divórcio entre o pensamento e o ser, a ruptura ontológica do ser e a lógica do pensamento.” Assim, atingimos nosso auge da exaltação do intelecto frente ao corpo, agora, o corpo é considerado um objeto puramente técnico e instrumental, e que só pode ser compreendido pelo intelecto.

As visões dualistas e cartesianas, que ignoram a ideia de corpos complexos, implica em entendimentos de que o conhecimento se separa da mente, sendo assim, não precisava-se de mais nada além de saber pensar e portanto, os corpos passam a servir à razão.

Embora se tenha feito muito para superar essa visão dualista do modelo cartesiano que influencia até hoje o modo pensar ocidental, a “postura utilitarista e reducionista” ainda se faz muito presente na ciência atual (PINTO; JESUS, 2000, p. 90) e conseqüentemente, na forma como os corpos são constituídos.

A partir do século XVIII, a preocupação com a formação de indivíduos ativos e livres com ênfase na liberdade do corpo (contrariando as práticas mecanicistas) faz com o que saber passe a ocupar um papel de destaque, além disso, é nesse século que emerge um outro modelo de diferenciação sexual: o modelo dos dois sexos, ou seja, um dimorfismo dos corpos com fisiologias e anatomias incomensuráveis e a redefinição da natureza feminina. (LAQUEUR, 1990).

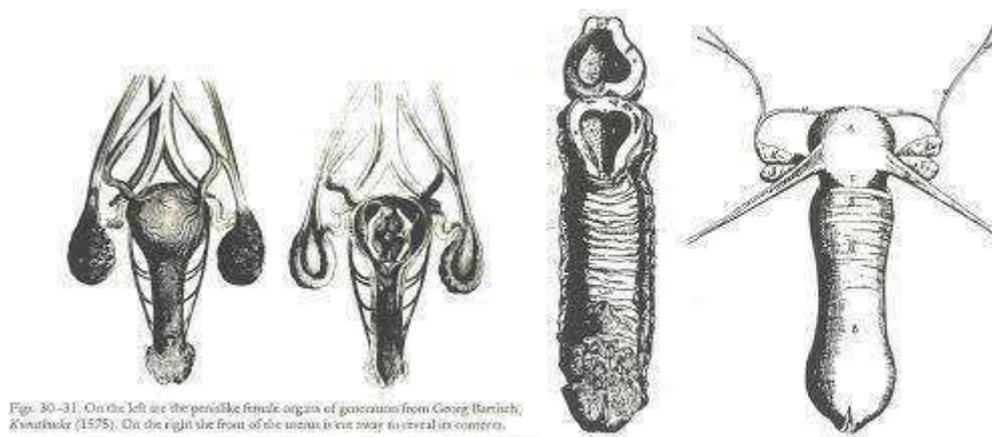
Para Thomas Laqueur (2001) e Linda Nicholson (2000), desde a Grécia antiga até o final do século XVII, o que persistiu foi a visão unissexuada do corpo, cujo modelo para o sexo único era o do homem.

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do

século IV – “a delas fica dentro do corpo e não fora”. Galeno (século II) desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo de identidade estrutural, não espacial dos órgãos reprodutivos. Ele mostrava que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital de perfeição, resulta em uma retenção interna das estruturas femininas, que nos homens são mais visíveis na parte externa (LAQUEUR, 2001, p. 16).

Como consequência, durante dois milênios o ovário não tinha nome específico, “Galeno usava o mesmo nome do testículo “orcheis” (contexto é que esclarecia o sexo) para ovários. Herófilo chamava ovário de “didymoi” (gêmeos), outra palavra grega para testículo” (LAQUEUR, 2001, p. 16-17) (Figura 13).

Figura 13 - Modelos explicados por Thomas Laqueur



Fonte: Everett Historical / Shutterstock.com

Assim, com o corpo feminino tornando-se cada vez mais diferente do masculino, a presença ou a ausência do orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual, proporcionando a introdução das questões binárias de gênero (mulher/homem) e o aparecimento da identidade sexual, refletindo nas convenções sociais, políticas, culturais, artísticas (LAQUEUR, 1990; NICHOLSON, 2000; MEDEIROS, 2003).

Somente na Modernidade, marcada por transformações nas instituições políticas, econômicas e na vida cotidiana derivadas de revoluções políticas e econômicas (MARTINS, 2021) e com a ascensão de diversos saberes científicos que o corpo humano foi se tornando espécie central na história. Com essa valorização do corpo, estes foram cada vez mais tornando-se lugares de conhecimentos e com isso, ganhando novos discursos. Inaugurou-se então, a tecnologia da produção dos corpos. Para Fernando Silveira é

A partir da Modernidade que verifica-se uma proliferação de campos de verdades sobre o que é o corpo humano, o qual é focado sobre os mais diversos saberes emergentes: a medicina, a biologia, a antropologia, as ciências sociais, a economia, a demografia, a psiquiatria, o direito, a psicologia, a higiene, a política e outros. Neste contexto, o corpo passa por dois deslocamentos transformadores de sua disposição no campo dos discursos. Por um lado, foi a partir da Modernidade que o corpo obteve um “status” de profundidade a ser discursivamente vasculhada, definida e explorada, de forma que a tridimensionalidade dos corpos passa a ser validada como contexto epistemicamente passível de se tornar objeto de pesquisa. (SILVEIRA, 2008, p. 739).

Portanto, para além da valorização do corpo humano, foi na modernidade que, com a finalidade de “governo” da multiplicidade e diversidade dos corpos, cria-se instituições – asilos, hospitais, exército, escolas... – onde são produzidos saberes e técnicas direcionadas ao controle e produção dos corpos. A partir disso, para Foucault,

[...] Forma-se uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Por corpos “dóceis” podemos entender corpos bem disciplinados, que passam a estar sujeito às técnicas que promovem a sua mudança, mudanças essas tanto nas práticas quanto nos comportamentos, buscando assim, torná-lo supostamente mais adequado, o que levaria, ainda segundo Foucault (1987), à ideia do corpo figurar como objeto e alvo de poder.

Temos com isso, um sujeito do corpo objeto, que traduz a representação do sujeito fragmentado, em que na contemporaneidade, o indivíduo põe-se a serviço do próprio corpo, consumindo os mais variados objetos e serviços produzidos pelas diversas indústrias que passam a lucrar com essa captura intensa dos corpos, “transformando o corpo-produtor em corpo-consumidor, e, assim, tornando-o uma rentável especiaria a se vender no mercado” (COELHO; SEVERIANO, 2007, p. 91).

Contemporaneamente vemos uma obsessão pelo corpo cada vez mais padronizado e voltado aos prazeres, o corpo está cada vez mais atrelado às técnicas e às tecnologias, por isso esse corpo é constantemente relacionado a imagens de saúde, academias, moda, cosméticos, aptidão e beleza, fazendo com que “[...] a percepção do corpo seja dominada pelas imagens da cultura de consumo” (NÓBREGA, 2010, p. 23). Hoje, vive-se na era das dietas, detox, jejuns,

academias, das cirurgias estéticas, das próteses de silicone, onde a gordura é retirada com lipoaspirações, as rugas são preenchidas com ácido hialurônico, os músculos paralisados com botox. Isso transforma os corpos em objetos de consumo totalmente fragmentados, e faz com que o culto ao corpo ganhe uma dimensão social inédita, cheia de investimentos, afinal o corpo em forma, padronizado se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual homens e mulheres podem aspirar.

Nesse sentido, Donna Haraway (1994, p. 244) argumenta que “[...] somos todos quimeras, seres híbridos teorizados e fabricados ao mesmo tempo como máquina e organismo, em suma somos cyborgs”. Como já observamos, ao longo da história, a emergência de novas tecnologias (nesse caso, biotecnologias como implantes, marca-passos, próteses ortopédicas, bombas de infusão de insulina, aparelhos ortodônticos) promovem o surgimento de novas subjetividades e permitem a re-significação do corpo da vida pós-moderna, onde processos “naturais” são alterados, resultando em implicações culturais e sociopolíticas, mudando para além do corpo físico, também as maneiras de pensar, agir e sentir.

Como tentativa de apontar caminhos para a compreensão dos corpos no mundo contemporâneo, valemo-nos de determinados pressupostos. Ao entendermos a partir dos entendimentos de Michel Foucault (2005, 2009, 1979, 1987), que o que define o corpo não é, “uma realidade a priori à sua definição” (DA COSTA, BOZZ, 2011, p.2), mas que este é constituído tanto pelos discursos, quanto pelas práticas culturais que o delimitam enquanto objeto de saber, sendo constituído por práticas discursivas e não discursivas, torna-se necessário entender os corpos não só como aquele biológico, mas também como social, com seus processos de natalidade, mortalidade, fecundidade, formas de alimentação, doenças, prazeres. Ou seja, corpos objetos de saber e produtor de subjetividades, transpassados pelo poder, em que através de discursos sobre o corpo e seu cuidado foram se construindo saberes que compuseram um conjunto de regras e condutas que, através das tecnologias disciplinares, produzem efeitos nos indivíduos com a regulação e disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 1987).

Nas tecnologias disciplinares, o corpo é historicamente localizado e articulado com o surgimento e fortalecimento de instituições como as prisões, manicômios, fábricas e escolas. Todo o processo de tornar os corpos dóceis é produzido gradativamente, sendo sustentado pelas instituições que fazem o uso desse poder disciplinar, especialmente, a escola, onde funcionam pedagogias culturais que, “capturam sentidos que circulam na cultura,

ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (SANTOS, 2000, p. 196).

Pensando no corpo escolarizado, buscamos as contribuições da estudiosa Nádia Souza que ao longo de seus estudos (2001, 2005, 2007), busca destacar a reflexão de Michel Foucault sobre os corpos como “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca, as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (1979, p. 22), com o intuito de nos provocar a pensar o corpo para além da sua materialidade biológica, sendo produzido e transformado a partir de práticas sociais, discursos científicos e marcas dos acontecimentos.

As discussões tecidas até o momento, nos fazem compreender os corpos como mais do que materialidades biológicas reduzidas à máxima divisão possível, constituídas em sistemas com: órgãos, tecidos, células, organelas, cromossomos, genes, onde apenas suas características anatômicas/fisiológicas são privilegiadas nos conteúdos escolares. Estamos entendendo que os corpos são, também, produções sócio-culturais – produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades, ou seja, corpos biossociais (SOUZA, 2001).

Portanto, ainda que algumas vezes nesse texto o termo corpo apareça no singular, a partir da perspectiva que adotamos na pesquisa de uma orientação pós-estruturalista, estamos falando de corpos que são atravessados pela cultura, ciência, mídia, singularidades, ou seja estamos falando de: corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, brancos, negros, pardos, femininos, masculinos, obesos, anoréxicos, saudáveis, doentes, católicos, muçulmanos, homossexuais, heterossexuais, assexuais, portadores de necessidades especiais, atléticos... enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes (RIBEIRO; LONGARAY, 2013).

Com isso, tais reflexões a respeito dos corpos implicam em “perceber sua(s) provisoriedade(s) e as infinitas possibilidades de modificá-lo(s), aperfeiçoá-lo(s), significá-lo(s) e ressignificá-lo(s)” (FIGUEIRA, 2003, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção desses corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais.

Desta perspectiva, cabe reforçar o quanto é relevante problematizar os entendimentos de corpos, como faremos no tópico a seguir.

3.2 Problematizando entendimentos de corpos

Nesse estudo, entendemos que os corpos são histórica e culturalmente produzidos e de que a escola é um dos espaços culturais implicados nessa produção - embora não o único. Nesse sentido, “nas salas de aula encontram-se corpos cujas existências e funcionamentos estão em permanente constituição e transformação nas relações estabelecidas com as práticas sociais” (SOUZA, 2013, p. 19), podendo ser essas práticas das mais diversas instâncias, como as das famílias, as médicas, as das ciências, as religiosas, as produzidas pelas mídias, entre tantas outras.

Entendemos portanto, os corpos de forma biossocial, ou seja, o resultado de interações entre o biológico – o que nos é dado por herança biológica – e o cultural – e o que nos é dado como herança cultural – por exemplo, o hábito alimentar ou as dietas disseminadas pelas mídias, que vão implicar em efeitos orgânicos e culturais pois essa rede de elementos presentes na cultura constroem e reconstroem as nossas formas de agir relacionadas ao nosso corpo, alimentação, vestuário, cuidados, etc.

Nessa perspectiva, os corpos são, ao mesmo tempo, aqueles que exercem poder⁴ e se submetem a ele, fazendo parte dessas relações, pois tanto produzem quanto são produzidos por elas. Da mesma forma que as relações de força se espalham pela sociedade, elas também atuam nos corpos, através do disciplinamento, tentando torná-los submissos e transformando-os gradativamente em “corpos dóceis”, através de técnicas de vigilância, hierarquia e controle advindas principalmente, embora não somente, do espaço escolar.

Sendo assim, ao pensarmos os corpos desta forma, a educação escolarizada não deve ser entendida como neutra, isenta da influência de práticas sociais, ou das relações entre os indivíduos. Ao contrário, já que para Alex Fabiano Correia Jardim (2006, p. 105) a escola trata-se de um “espaço cortado pelas relações de poder que passam desde os primeiros passos da aprendizagem, em que o poder regula, produz, molda indivíduos, fábrica imagens-modelos, avalia [...]” e prioriza práticas de assujeitamento onde os discursos legitimados para falar dos corpos têm sido em sua maioria os científicos e médicos.

Desse ponto de vista, nas escolas os processos de ensino e aprendizagem sobre os corpos têm se limitado em sua maioria, apenas aos conteúdos e às metodologias propostas no

⁴ Entendendo que as relações de poder não se detém, sendo estabelecidas de forma transitória, hora em uma parte hora em outra, em uma eterna disputa, embora tenda a permanecer mais com uma parte do que com outras, compreendemos que essas relações de poder se espalham de forma difusa, capilarizada e em rede na sociedade, com multiplicidades mas também repletas de campos de resistência (FOUCAULT, 1984, 1987).

ensino de Ciências, Biologia ou nas aulas de Educação Física, tendo como resultado a predominância desse corpo escolar pensado apenas como “organismo”, sem heranças do lugar de onde veio, sem atravessamentos do meio em que vive ou dos lugares por onde transita, sem os regimes aos quais se submete. Esta abordagem, feita especialmente no ensino de Ciências e Biologia, nos levou a problematizar a visão puramente biológica abordado no ensino do corpo e a construir uma estratégia pedagógica para mostrar as imbricadas conexões entre o biológico e o social/ambientes sobre a naturalização das práticas discursivas que desvinculam o corpo dos seus acontecimentos culturais, privilegiando apenas a materialidade biológica.

Tal maneira de pensar o corpo humano apenas como “organismo”, ou seja, um conjunto de células, tecidos e órgãos criada pela discursividade científica, vem produzindo formas fragmentadas de pensá-lo em relação a sua constituição, funcionamento e processos que nele ocorrem. Desde a infância, aprendemos que o corpo deve ser esquadrihado para ser entendido, cantamos músicas como “Cabeça, Ombro, Joelho e Pé” e vamos compartimentalizando os sentidos e entendimentos atribuídos a cada parte do corpo, portanto a medida em que esse corpo vai ficando mais complexo, também vai ficando mais fragmentado. Para Elenita Pinheiro Queiroz Silva,

a ciência biológica e a disciplina biologia e seu ensino, ao recuperarem e assumirem essa lógica anatômica, participam dessa invenção do corpo, que convence a todos: possuímos uma interioridade sem nuances. Assim, naturaliza-se o mito da identidade única, fixa e imutável do organismo/corpo humano. Faz-se desaparecer a diferença. (2010, p. 74).

Assim, tendo o corpo como “objeto” de conhecimento, essas práticas científicas produzem tanto os saberes – as teorias, os conceitos, a respeito, neste caso, do desenvolvimento humano –, quanto os procedimentos disciplinares que imprimem tais “conteúdos” nos corpos, produzindo-os juntos a um sistema de estratégias que regula o modo de viver das pessoas, refletindo também no espaço escolar, em que temos muitas vezes, um ensino pautado na memorização de informações descontextualizadas, que pouco contribuem para que os/as estudantes construam conhecimentos acerca de seus próprios corpos e que reconheçam as diferenças dos sujeitos e as marcas que são inscritas neles.

Esse discurso científico reduz os corpos apenas às suas materialidades biológicas, sem considerar seus entornos, as historicidades que os atravessam e as inscrições que são feitas neles, como os gestos, as posturas e as expressões que nos apontam uma determinada maneira de ser e estar no mundo. Expressões de afeto como o “sentir”, passam a ser vistas apenas como um equivalente de intensidade das excitações provocadas no tecido nervoso, uma reação a um estímulo determinado, um processo puramente bioquímico. O sorriso, felicidade

e outras formas de afeto, assim como a tristeza e a raiva por exemplo, devem limitar-se a uma série de reações orgânicas, fazendo com que o corpo não seja percebido e conhecido por meio de suas vivências e experiências e, assim, entendido em sua integralidade.

Portanto, os múltiplos e capilares mecanismos das relações de saber e poder se refletem não apenas na vigilância que se faz dos comportamentos e disciplinamento dos corpos, mas também nas relações hierárquicas de escolhas dos conteúdos escolares e das formas como serão abordados e priorizados, o que pode ser percebido ao assumirmos que a escola seleciona aquilo que lhe interessa sobre o corpo humano (SANTOS, 1999). Assim, produz um corpo de sua própria cultura, em que são desconsiderados ou rejeitados os saberes construídos nas experiências de vida dos/as estudantes sobre seus corpos.

Nesse viés, temos como consequência corpos representados sob o ponto de vista dos discursos científicos, reduzidos à materialidade biológica, um corpo constituído, ensinado e aprendido a partir de um de seus menores constituintes e que progressivamente vai se tornando um corpo com descrições e conceituações das suas estruturas orgânicas e interpelado por discursos médicos, que prescrevem medidas promotoras de saúde, evidenciando que “[...] o currículo oficial valoriza a separação entre o sujeito e o conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição” (SILVA, 2011, p. 94).

O currículo e a cultura estão extremamente interligados, não sendo possível separá-los, de acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2011), a cultura e a educação são modificadas ao longo de sua construção, ainda que o cultural se torne pedagógico e o pedagógico se torne cultural. Contudo, na prática, os corpos plurais, com histórias, desejos e experiências são deixados de lado, refletindo no modelo de educação escolar que perdura até hoje, com a construção de um corpo que didaticamente é entendido como um fenômeno puramente biológico, fragmentado, mecanizado, universalizado. Isso faz com que as pedagogias empregadas nos seus estudos, venham em grande parte inscrevendo nos corpos apenas as descrições anatômicas, fisiológicas, morfológicas e genéticas, além de perspectivas tecnomecanicistas em que o único corpo possível parece ser aquele fragmentado, fatiado, com vísceras à mostra, sem rosto, sem genitálias, sem mãos e nem pés, o que impede que os/as estudantes identifiquem seus corpos nesse corpo materializado didaticamente.

Dentre as diversas estratégias usadas para esse ensino dos corpos, temos nos livros didáticos de Ciências e Biologia importantes produtores de significados, já que é principalmente através deles que se legitimam determinadas representações de corpos (figuras

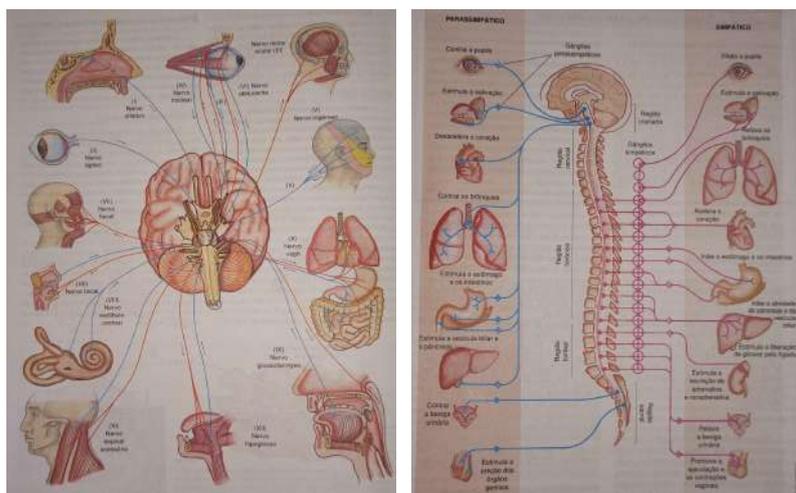
14 e 15), justamente pelo livro didático ser um instrumento pedagógico bastante utilizado pelos/as professores/as nas salas de aula.

Figuras 14 - Imagens de corpos de um livro de Ciências evidenciando o “corpo organismo”



Fonte: Ciências Naturais – Aprendendo com o cotidiano – 7ª edição, Editora Moderna, 2019.

Figuras 15 - Imagens de corpos de um livro de Biologia evidenciando o “corpo esquadrinhado”.



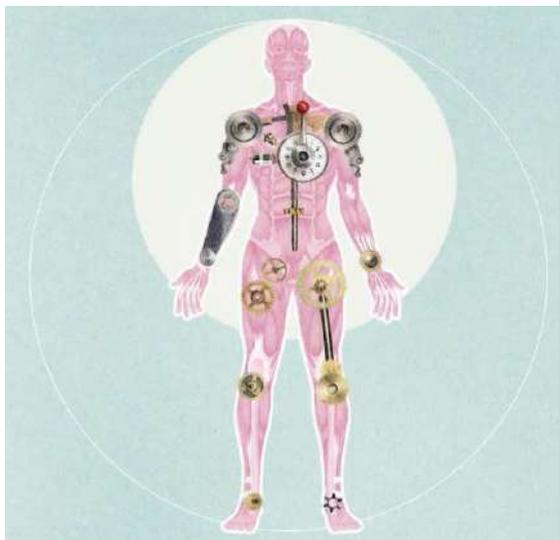
Fonte: Biologia – A diversidade dos seres vivos – Volume 2, Editora Moderna, 2004

Os livros didáticos, que aqui estamos entendendo como um artefato cultural (RIBEIRO; MARQUES, 2009), uma invenção, que se constituiu e se constitui na correlação de múltiplos elementos sociais, evidenciam um corpo universal, que tem um padrão hegemônico, que se repete independentemente de gênero, classe, etnia, credo, língua, geração.

Para Elizabeth Macedo (2005) a metáfora mais marcante da objetificação dos corpos nos livros didáticos talvez seja as variadas comparações feitas entre os corpos e máquinas (figura 16) e/ou outros objetos inanimados, que vão desde “uma casa, subdividido em compartimentos que seriam os sistemas, que por sua vez, se subdividem em órgãos, e o

esqueleto é a estrutura dessa casa” ou “uma máquina que precisa de combustível para funcionar”, ou ainda, “o olho é como uma máquina fotográfica” (MACEDO, 2005, p. 134).

Figura 16 - Imagens de corpos de um livro de Ciências evidenciando o “corpo máquina”



Fonte: Projeto Apoema Ciências, Edição 2, Editora do Brasil, 2015.

Nesses e em outros tantos exemplos usados e sustentados até hoje nas escolas e em artefatos como o livro didático, os corpos não apenas são retirados dos contextos socioculturais, como também são retirados das dimensões biológicas, reduzidos apenas ao mecânico.

Assim, ao interrogarmos as formas como os corpos vêm sendo apresentados no espaço da escola, nos deparamos com um desafio: seria possível promover outras formas de experimentar o corpo no contexto educacional? Isso sem negligenciar, totalmente, as práticas sociais e pedagógicas que já estão instituídas, mas, interrogando quais as possibilidades de constituir novos entendimentos que levem em conta as subjetividades ao discutirmos os corpos, compreendendo-os como mais do que materialidades biológicas reduzidas à máxima divisão possível, constituídas em sistemas com: órgãos, tecidos, células, organelas, cromossomos, genes, onde apenas suas características anatômicas/fisiológicas são evidenciadas, para que possamos privilegiar os entendimentos que os corpos são, também, produções sócio-culturais – produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades, ou seja, corpos biossociais (SOUZA, 2001).

Tais reflexões a respeito dos corpos implicam em “perceber sua(s) provisoriedade(s) e as infinitas possibilidades de modificá-lo(s), aperfeiçoá-lo(s), significá-lo(s) e

reassignificá-lo(s)” (FIGUEIRA, 2003, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção desses corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais. Para Deise Longaray (2014, p. 158), “sobre os corpos, são inscritos os marcadores subjetivos, entre eles os de gênero; entretanto, é importante destacar que as marcas que se inscrevem nos corpos são vistas e entendidas de diferentes formas, dependendo do contexto histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos”.

A partir do reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção dos corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais, concordamos com Silvana Goellner (2005), quando diz que o conceito de gênero desestabiliza as considerações envolvidas no determinismo biológico, através do qual os seres humanos “se constroem” feminino ou masculino pelas diferenças corporais e, a partir delas, se definem funções sociais distintas. Entendemos que os gêneros se constituem através de referenciais do que é ser homem e do que é ser mulher, portanto, são conceitos enviesados por determinadas culturas e sociedades, ou seja, o gênero está para além do determinismo biológico, sendo uma construção social em que se rotulam determinados comportamentos para homens e para mulheres.

Ao reforçar esses determinados comportamentos esperados de meninos e meninas para com os corpos nas escolas, contribui-se com essas estruturas generificadas. A implicação disto é uma diferenciação cada vez maior de meninos e meninas, inclusive na dificuldade de acesso a determinadas experiências, já que as expectativas das correspondências de comportamentos acarretam restrições em relação aos espaços e atividades.

Desta perspectiva, cabe reforçar o quanto é relevante que professores/as incorporem ao cotidiano de suas práticas escolares diferentes representações culturais dos corpos que circulam na sociedade, buscando tensionar a naturalização de práticas e ensinamentos que privilegiam a materialidade biológica e não levam em consideração os marcadores inscritos nos corpos como de gênero, sexualidade, raça, etnia, religião, geração, entre outros.

Para isto, diversas estratégias vão sendo pensadas como a produção de artigos, dissertações, teses, cursos de formação de professores/as, materiais didáticos pedagógicos, entre outras, por pesquisadoras como Nadia Souza (1999, 2002, 2014), Elenita Queiroz (2010, 2014, 2016, 2019), Paula Ribeiro (2015, 2016), e tantas outras e outros que buscam tensionar esse ensino dos corpos como organismos, máquinas, em que a fragmentação é ensinada e valorizada e buscam discuti-los, construindo argumentos teóricos para a dimensão biossocial.

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE no intuito de discutir os entendimentos dos corpos como construções processadas nas relações entre a biologia e os

marcadores socioculturais em que estamos imersos desde que nascemos, produziu o livro “Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos”. O livro foi elaborado, segundo Paula Ribeiro e Deise Longaray,

a partir da necessidade da produção de um material didático-pedagógico que buscasse romper com a visão do corpo humano –atemporal, ahistórico, sem identidade, fragmentado em órgãos, funcionalista, deslocado do ambiente, universal, com um padrão que se repete independente de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, credo, geração –presente hoje nos conteúdos escolares e nos livros didáticos de ciências (RIBEIRO; LONGARAY, 2015 p. 30).

Ao longo dos capítulos do livro entregue aos/às estudantes (figura 17), sendo estes: 1: Escola, Família, Festa de 15 anos, Corpos em Evidência... (figura 18) 2: Se bem me lembro, falta-me memória... (figura 19), 3: Na cor do verão em qualquer estação: A Exposição solar e seus efeitos no corpo (figura 20), 4: Hoje é dia de festa, corpos ligados, sentidos aguçados (figura 21), 5: Porque crescer não é tão simples assim? Hormônios, tecido ósseo, altura... (figura 22), 6: Remodelando o corpo: Reeducação Alimentar (figura 23), 7: Enfim, o grande dia chegou (figura 24), são discutidas questões como “drogas, alimentação, exercícios físicos, doenças neurológicas, hormônios, tecidos, Exposição solar, entre outros assuntos”, e no livro dos/as professores/as se busca “apresentar algumas discussões teóricas que articulam questões biológicas, culturais, históricas, sociais e pedagógicas sobre o ensino dos corpos”. (RIBEIRO; LONGARAY, 2015 p. 30).

Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

Figura 22

Figura 23

Figura 24



Fonte: Capturas de tela dos capítulos do livro: Os 15 anos de Mariana, 2013.

Estratégias como esses livros, que precedem a criação da Exposição, mas que já buscavam fazer outras articulações e criar condições de possibilidades para se repensar a respeito do ensino dos corpos, discutindo-os de forma biossocial, além de significativos aliados em tempos de pandemia com aulas remotas, também são importantes ferramentas por dialogar com outros tipos de saberes, como uma obra aberta, problematizadora da realidade, um material pedagógico contextualizado histórica e culturalmente, diferente dos livros didáticos, que são construídos como um produto fechado que se apoia apenas no discurso científico, que é visto como discurso verdadeiro. Assim, os discursos não descrevem simplesmente objetos e, sim, produzem os objetos sobre os quais falam (FOUCAULT, 2009).

Outra estratégia organizada pelas/os integrantes do GESE, e foco desta pesquisa, a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, é tomada como objetivo investigativo, assim, no próximo item a discutimos enquanto um espaço educativo.

3.3 A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” como espaço educativo

O entendimento de que questões centrais no estudo dos corpos, gêneros e sexualidades referem-se ao papel das culturas, dos sistemas de significação e suas relações de poder, uma vez que esses elementos sociais encontram-se implicados na constituição dos sujeitos, levou-me a estabelecer nesse estudo algumas conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas. Assim, esse campo vem propiciando olharmos e questionarmos as teorizações acerca de como os corpos vêm sendo discutidos e estudados, tanto nos processos formais de educação, como a escola, quanto em outros espaços educativos que ensinam e que possuem uma pedagogia. Neste sentido, revistas, programas de TV, propagandas, museus, exposições, entre outros tantos meios, possuem pedagogias culturais que ensinam modos de ser e de estar na sociedade, ou seja, processos sociais que ensinam, que se estendem a todos

aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados (RIBEIRO, 2002).

Assim, esse conceito de pedagogia cultural amplia a noção do educativo para além dos espaços e processos tidos como formais para a aprendizagem. Conforme destaca Carmen Lucia Soares e Dagmar Elisabeth Estermann Meyer,

O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. Remete, também, para um importante deslocamento no qual o currículo se desvincula e se projeta para além da escola, o que impõe uma reconceptualização das próprias noções de escola, de currículo, de conhecimento escolar. (2003, p. 139)

Ainda neste sentido, Alfredo José da Veiga-Neto (2008) considera que “se a escola foi durante muito tempo a principal instituição envolvida sistematicamente com a educação e com a produção de subjetividades, ela agora está perdendo terreno para outras instâncias da sociedade” e, com isso, “abrem-se possibilidades interessantes de estudos para o novo campo de saberes pedagógicos denominado Pedagogias Culturais” (VEIGA-NETO, 2008, p. 147).

As Pedagogias Culturais são portanto, potentes ferramentas teóricas utilizadas para discutir as relações entre os artefatos culturais e os processos educativos, já que para Tomaz Tadeu da Silva, "a cultura é pedagógica e a pedagogia é cultural", e por isso, “tal como a Educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 1999, p. 139), os conhecimentos, portanto, são construídos/produzidos através de um sistema de significados, sendo assim, a escola não é o único espaço em que os corpos são histórica e culturalmente produzidos.

Para Marisa Vorraber Costa e Maria Lúcia Wortmann (2016) há tempos que os saberes deixaram de circular apenas no espaço da escola, que anteriormente os legitimavam, e passaram a ocorrer em uma multiplicidade de instituições e instâncias, como a mídia, a literatura, o cinema, os eventos culturais, os museus, os centros educacionais e etc, ou seja, espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados, que entendemos como espaços educativos por possuírem uma pedagogia.

Nesse contexto, sabemos que existem diferentes lugares e espaços de produção de informação e conhecimento, entretanto, entendemos como espaços educativos aqueles que possuem uma pedagogia, particularidades no seu processo de ensino/aprendizagem que permitem a construção de outros significados, possuindo recursos capazes de aproximar e

despertar o interesse, estimular a curiosidade e possibilitar uma aproximação com o objeto a ser estudado, ou seja, espaços que contribuam para elaboração de novas formas de conhecimento e que permitem construir outros significados, buscando contribuir com mudanças significativas na realidade dos/as educandos/as. Os espaços educativos são, portanto, aqueles que nos educam, possibilitando-nos problematizar o quanto torna-se relevante percebermos a potencialidade da difusão de ideias, significados, conhecimentos, valores e representações, no sentido de discuti-las nos tempos e espaços escolares e não escolares (MELO; TOSTA, 2008).

Embora inúmeras instâncias sejam consideradas pedagógicas, pensando na Exposição “Uma Aventura Pelo Corpo Humano”, podemos considerá-la como um local pedagógico, que de acordo com Lavínia Schwantes (2002, p. 18), “ocupa um espaço discursivo diferenciado daquele da escola, pois oscila entre dois pólos: às vezes, é entendido como espaço de lazer/divertimento; outras vezes, como espaço de aprendizagem”. Dessa forma, entendemos que esses espaços são locais instituidores e produtores de significados e discursos, pois “capturam sentidos que circulam na cultura, ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (SANTOS, 2000, p. 196).

Assim, a Exposição poderá ser entendida pelos/as estudantes tanto como um local de visitação, de lazer, a partir dos significados culturais que eles/as foram aprendendo sobre o que é fazer uma visita fora do ambiente escolar, quanto ser um local de aprendizagem, pois vamos aprendendo, desde muito cedo, a ocupar e reconhecer os lugares sociais, através de um complexo de forças e de processos que incluem as diferentes instâncias sociais como as mídias, famílias, escolas entre outras. Esses significados produzidos dependem que os/as estudantes tenham aprendido – ou aprendam durante a visita à Exposição – que esses espaços também ensinam, ou como coloca Stuart Hall “nos transmitem valores, que precisam ser interpretados significativamente pelos outros, ou que dependem do significado para seu efetivo funcionamento” (1997, p. 03).

Portanto, entendemos a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, como um espaço pedagógico e educativo que produz significados, e busca construir uma relação de ensino-aprendizagem com quem à visita, que é tanto diferente do espaço da escola, quanto diferente dos museus e outros espaços educativos, por ter uma história única, tendo emergido a partir do resgate de uma atividade (figuras 25 e 26) de estágio de alunas do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande, no ano de 1998 que viram na revista Nova Escola uma proposta diferente de pensar o corpo a partir de um relato de uma professora.

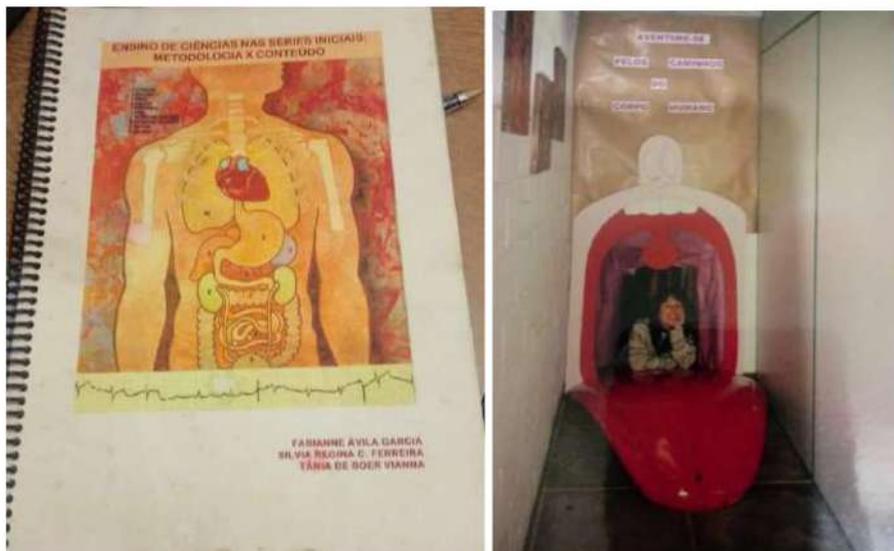
Embora nossa proposta não seja analisar a revista Nova Escola, é fundamental apontar sua potência enquanto um artefato cultural que é destinado aos profissionais da educação básica, sendo uma publicação que desde 1986, quase sempre está disponível na escola e que possui reportagens a respeito de temáticas educacionais, com sugestões de conteúdos para aulas e relatos sobre experiências pedagógicas realizadas por professoras/es de todo o país.

Provocadas pelo relato de uma dessas propostas, as estudantes começaram a pensar outras formas de ensinar o corpo, entretanto, é importante salientar que embora já houvesse essa vontade por parte das estudantes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, de discutir o corpo de forma integrada, essa ideia ainda estava muito vinculada a materialidade biológica visto que eram contempladas apenas os sistemas digestivos, respiratórios e cardiovascular, sem as discussões sobre a cultura e os atravessamentos presentes nos corpos.

Assim, como na atual Exposição, a entrada de todos/as era pela boca⁵, e ia-se fazendo o trajeto do esôfago passando pelo estômago e intestinos, com o coração batendo durante a caminhada, assim como na atual Exposição.

Figuras 25 e 26 - Imagens do projeto e Exposição “Aventure-se pelos caminhos do corpo humano”

⁵ Buscando resgatar algumas informações sobre a primeira montagem da Exposição, entramos em contato com as estagiárias envolvidas e através de conversas informais.



Fonte: Arquivos Pessoais, 2020.

A elaboração de livros como “Os 15 anos de Mariana”⁶ e as diversas oficinas promovidas pelo CEAMECIM, foram construindo as condições de possibilidades para repensarmos os entendimentos sobre os corpos, provocando a construção da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, em 2015 (figura 27) no Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática - CEAMECIM, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, buscando aproximar a comunidade e proporcionar aos/às estudantes e visitantes uma reflexão sobre os corpos, tensionando os entendimentos de um corpo fragmentado, comumente retratado nos livros didáticos e no espaço da escola.

Figura 27 - Primeira montagem da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Arquivos Pessoais, 2015.

⁶ O livro “Os 15 anos de Mariana” será melhor contextualizado mais adiante no texto.

No próximo capítulo narramos o processo de elaboração e organização da Exposição, buscando, como coloca Maria Isabel Cunha (1997) “destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer” a fim de compreendermos esse espaço educativo.

3.4 Que corpo é esse?! Apresentando a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”

Ao interrogarmos as formas como os corpos foram e vêm sendo representados nos espaços educativos, deparamo-nos com um desafio para a organização da Exposição “Uma Aventura no Corpo Humano: seria possível promover outras formas de experienciar o corpo no contexto educacional? Gostaríamos de não negligenciar, de forma geral, as práticas sociais e pedagógicas que já estão instituídas, mas não deixar de interrogar quais as possibilidades de constituir novos entendimentos, os quais considerem outras produções discursivas ao discutirmos os corpos, compreendendo-os como mais do que materialidades biológicas, reduzidas à máxima divisão possível. O intuito seria ir além do corpo como um simples sistema composto por órgãos, tecidos, células, organelas, cromossomos, genes, em que apenas suas características anatômicas/fisiológicas sejam evidenciadas. Assim, o propósito consistiu em privilegiar os entendimentos que os corpos são, também, produções sócio-culturais. Logo, são produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades, ou seja, corpos biossociais (SOUZA, 2001).

Partindo desses entendimentos e buscando uma abordagem que tivesse objetivo de problematizar a visão biológica abordada no ensino dos corpos, emergiu, em 2015, no Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática, da Universidade Federal do Rio Grande, uma estratégia pedagógica para mostrar as imbricadas conexões entre o biológico e o social/cultural, uma Exposição denominada “Uma aventura pelo Corpo Humano”.

Tal Exposição, como o próprio nome propõe, seria um lugar de aventuras no percorrer dos caminhos do corpo humano, mas também um espaço de conhecimentos, de trocas de experiências, diferentes vivências e afetos. São convidados/as, para participar dessa aventura, estudantes dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, além de escolas de educação especial e a comunidade em geral. Inúmeras escolas, tanto do município do Rio Grande quanto de outros municípios do nosso Estado, já visitaram a Exposição. Quem a visitou pertencia a áreas periféricas e a bairros centrais, assim como a

comunidade em geral. A Exposição foi visitada, principalmente, durante as Feiras do Livro da FURG, em que a Exposição é deslocada do CEAMECIM e remontada na praia do Cassino.

Desde sua inauguração, em 2015, atendeu 34 escolas e cerca de 2.463 estudantes. No ano de 2016, 27 escolas e cerca de 1700 estudantes visitaram a Exposição; em 2017, 19 escolas e aproximadamente 2.365 estudantes; em 2018, 24 escolas e cerca de 1.376 estudantes. No ano de 2019, até o mês de junho, participaram da Exposição em torno de 1.400 pessoas. Nos anos de 2020 e 2021 a Exposição não recebeu visitantes em decorrência da pandemia, em 2022 as atividades retornaram, tendo recebido tanto escolas, quanto o curso de Pedagogia da FURG.

Os/as participantes são recebidos/as para visitação pelas professoras responsáveis pela Exposição e pelos/as monitores/as estudantes da FURG. Durante o percurso da Exposição, há sempre um cuidado, por parte dos/das monitores/as, para que, ao explicarem o funcionamento do corpo humano, cada novo conceito que emerge se conecte aos anteriores, fazendo tudo estar sempre interligado e de modo a fazer sentido em um contexto biossocial.

Assim, buscamos discutir que os corpos são atravessados por diversos fatores socioculturais e ambientais, os quais atuam sobre a materialidade biológica, produzindo efeitos e inscrevendo marcas dos acontecimentos. Desta forma, tentamos extrapolar as heranças genéticas que determinam características físicas, tais como a cor da nossa pele, dos nossos olhos, ou dos nossos cabelos ou, ainda, o formato do nosso rosto, boca e nariz, se parecemos mais com a nossa mãe ou se temos os dedos do nosso pai e as pernas da nossa avó. Nosso propósito é abordar, com os visitantes, o entrelaçamento entre o biológico e cultural - biossocial.

Esse enfoque nos corpos enquanto biossociais instiga-nos a aproximar o corpo da Exposição aos/às dos/as visitantes, buscando que se reconheça e entenda a produção de seus corpos durante o trajeto. Logo, antes mesmo de embarcarmos nessa aventura, as aprendizagens se iniciam, entretanto, para entender as formas como essas aprendizagens são construídas, é importante que se compreenda o espaço físico da Exposição. Com esse intento, a seguir, descrevemos como ela se caracteriza.

Externamente, a Exposição é composta por paredes de madeira grafitadas. Em sua entrada, há um rosto com uma boca em destaque (figura 28), projetada de forma que o princípio da Aventura pelo Corpo Humano fosse pensado juntamente com o início do sistema digestório. Em um dos lados, temos grafitadas as costas, com destaque para as nádegas, com uma abertura representando o ânus, o qual é uma porta de saída (figura 29). Nosso objetivo, ao grafitarmos as nádegas e representarmos a saída pelo ânus, foi mais do que indicarmos o

final do sistema digestório. Nosso intuito foi o de buscarmos romper com tabus referentes a essa região, já que, desde crianças, aprendemos a conceber a imagem do ânus com uma associação negativa, um órgão sujo e repugnante, o qual não deve ser tocado, se não para a higiene. Assim, o “cu”, nome que é amplamente difundido para o órgão, quase sempre, acaba se tornando um lugar de xingamentos, insultos, associações negativas, e cada pessoa deve cuidá-lo, mantendo-o, a princípio, recluso, limpo, secreto e intocável. (PERES *et al.*, 2014)

No outro lado, há também a representação do sistema genital feminino, o qual, igualmente, é uma porta de saída (figura 30). Além disso, pernas e pés, com tatuagens, sapatos e unhas pintadas são representadas. Evidenciamos esses marcadores identitários, que são definidos por Veiga Neto (2002, p. 36) como:

[...] os símbolos culturais que funcionam para diferenciar, agrupar, classificar, ordenar e inscrevem-se fundamentalmente no corpo [...] Essas marcas, cujos significados nem são estáveis nem têm a mesma importância ou penetração relativa, combinam-se permanentemente entre si e é principalmente no corpo que se tornam visíveis.

Dessa forma, esse corpo foi pensado e construído com o propósito de provocar o entendimento de que corpo, para além da sua materialidade biológica, é produzido e transformado a partir de práticas sociais - tais como as da família, da mídia, de instituições religiosas etc.-; as dos discursos científicos - tais como os médicos, os pedagógicos, dentre outras. Ainda, nosso corpo apresenta marcas de certos acontecimentos, como o nascimento, a escolha do nome, as expressões de gênero e sexualidade, dentre outros. Nesse universo, os marcadores visíveis em um corpo estão inscritos, a saber: as unhas pintadas de vermelho, o piercing na língua, a tatuagem de flor no pé, a tornozeleira e os chinelos que eventualmente calça. Esses elementos representam situações do cotidiano, as quais constituem um corpo transformado, projetado, com desejos, sentimentos. Um corpo que sente prazer, que tem vontades, o qual se emociona, sente sede, fome, sono, goza. Para isso, uma pessoa come o que prefere, bebe o que quer, sua enquanto corre fazendo exercícios ou enquanto tem uma relação sexual.

No lado posterior à entrada, ao fundo, temos um trecho escrito pela pesquisadora Silvana Goellner (figura 31). Esse escrito dela foi escolhido em função de representar a proposta da Exposição, ou seja, romper com a ideia de um corpo apenas fisiológico, evidenciando o corpo biossocial, por intermédio do entendimento de que:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus

gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. (GOELLNER, 2003, p. 29).

A partir dessas ideias, buscamos construir o entendimento de que as modificações que acontecem nos corpos, desde o momento da fecundação, são realizadas a partir de inúmeros processos biológicos, os quais interagem e integram os sistemas dos corpos juntamente com os processos culturais. Esses processos se configuram como o nome de cada um/uma, as cores, brinquedos, adornos que vestirá conforme gênero ou os marcadores religiosos, tais como a circuncisão, na religião judaica, entre outros. Dessa forma, na Exposição, abordamos o fato de que os corpos estão em constante evolução, sendo transformados e modificados. Logo, eles são provisórios, com múltiplas possibilidades de significação.

Figura 28 - Entrada da Exposição



Fonte: Autoria pessoal, 2017.

Figura 29 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



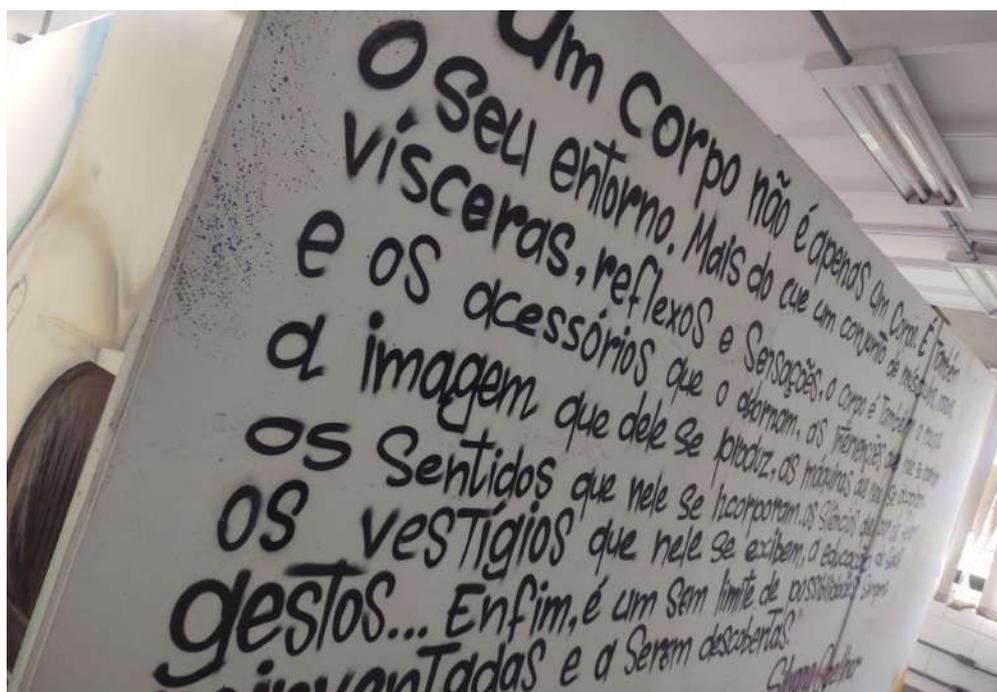
Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 30 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 31 - Exterior da Exposição



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Abrindo a Exposição, há uma língua feita a partir de um capô de fusca, que foi comprado no ferro velho, reformado, pintado de vermelho. Nele, há fuxicos representado as papilas gustativas. Com isso, procuramos desconstruir um imaginário popular ainda muito recorrente, quer seja: a ideia de que cada pedacinho da língua sentiria apenas um sabor específico, e ela estaria, assim, dividida entre doce, salgado, azedo, amargo e umami. Também existe um piercing nela (figura 32), o qual gera inúmeros comentários e curiosidades, tais como: dói para furar? Mas pode mesmo furar a língua? Não vai atrapalhar para sentir o gosto? Outros compartilham histórias de conhecidos que fizeram o furo; outros mostram os seus piercings e contam suas próprias histórias. Embaixo dessa parte da Exposição, foi colocada uma estrutura de madeira, de modo que sustente a passagem de todos/as (figura 33).

Figura 32 - Entrada da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 33 – Entrada da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Ainda, na entrada, as/os monitoras/es sugerem que cada um/a pense no seu alimento preferido, seu sabor, seu cheiro, sua textura. Nesse momento, é iniciada uma discussão sobre a saliva que se forma quando pensamos nesse alimento. Então, isso é relacionado ao funcionamento das glândulas salivares, das enzimas e com o funcionamento do nosso cérebro. Isso é realizado de forma integrada. Seguindo, ainda na entrada, pode ser visualizada, através de uma estrutura feita de feltro, suspensa na porta da Exposição, a úvula (figura 34). O nome

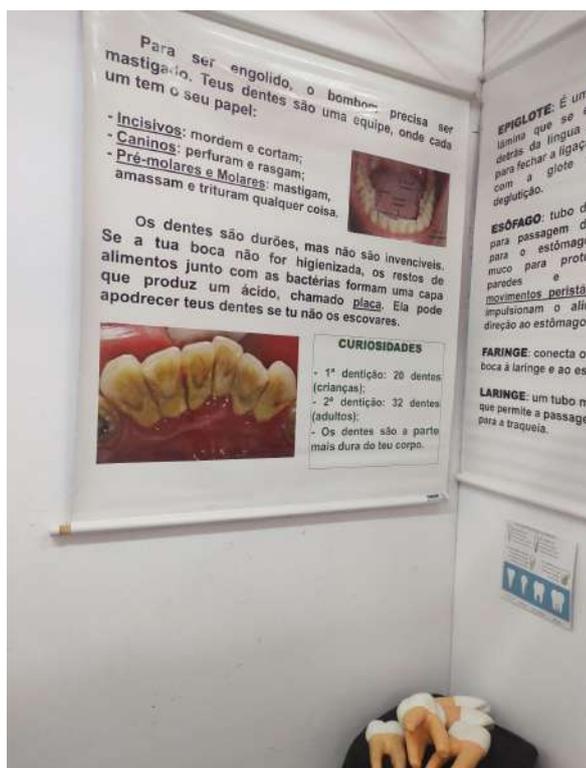
científico dessa parte do corpo, por muitos, é desconhecido. Ela é denominada de “campainha” ou “sininho”. Nessa parte da Exposição, igualmente, é abordado sobre os dentes, seus tipos e funções (figura 35). Ademais, é discutido a respeito de hábitos de higiene bucal, como a escovação com uma escova individual, após as principais refeições do dia; o uso do fio dental e as causas do famoso “bafo”, que, em geral, são as cáries e as placas bacterianas. Nos banners, são expostas informações sobre o número de bactérias em nossa boca, mais de 6 milhões. Além disso, existem fotos de dentes com placa bacteriana e curiosidades acerca da quantidade de dentes em crianças e adultos. Isso chama a atenção e novamente gera comentários sobre a dentição e os hábitos prejudiciais aos dentes. Do mesmo modo, causa muitos sorrisos para mostrar os dentes. Algumas vezes, há bocas desdentadas ou com dentes a mais ou a menos; outras de bocas com aparelhos e com clareamento, destacando as intervenções que são hoje realizadas no corpo, conforme indica a citação de Silvana Goellner.

Figura 34 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 35 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Entrando na Exposição (Figura 36), a estrutura interna é formada por meias paredes de madeira, as quais seguem, em direção paralela, com alguns banners. Esses foram pensados a partir de uma ideia inicial de que os/as participantes fariam o percurso sozinhos/às. Entretanto, com o acompanhamento do/as monitor/a, os banners passaram a se configurar mais como um recurso de apoio. Neles, também são apresentadas curiosidades, tais como a quantidade de saliva produzida por dia, que é de 1 a 1,5 litros. Isso é exemplificado com o auxílio de 4 latinhas de refrigerante para que a ideia de quantidade seja melhor entendida. Além disso, é exposta a informação da quantidade de saliva produzida no mês, a qual é, surpreendentemente, de 42 litros. O teto é coberto por uma rede de tule com estruturas neuronais, que buscam representar uma rede neural biológica. Ela é distribuída pelo corpo, representando a forma como os sistemas estão interligados e são coordenados pelo sistema nervoso. Nessa parte da Exposição é explicada a forma como as conexões são feitas. Isso é ilustrado por meio de vivências, como a de segurar com a mão algo quente, momento em que os neurônios motores inervam os músculos dos dedos, fazendo nossa mão soltar o quente.

Figura 36 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Seguindo o percurso, depois de entrarmos, falamos sobre a faringe, um órgão que conecta as cavidades nasal e oral com a laringe e o esôfago, que é representado por um tubo de malha com bolas de isopor dentro. Esse órgão os/as participantes devem apertar para sentirem o movimento do bolo alimentar passando e os movimentos peristálticos (figura 37) responsáveis por empurrar o bolo alimentar ao longo do tubo digestório. A partir de duas estruturas de tecido em forma de corda, com guizos costurados, também é discutido a respeito das cordas vocais. Passando por uma pequena porta vai e vem, de folhas de isopor, é abordado sobre a epiglote (figura 38). Nesse momento, chamamos atenção para questões como o porquê soluçamos e arrotamos e o que causa os engasgos. Então, muitos/as participantes compartilham histórias suas e de familiares, comentando, por exemplo, o fato de arrotarem ao tomarem um refrigerante com muito gás ou de coisas que “entraram no buraco errado” ao se referirem aos momentos em que se engasgaram. Dessa forma, apresentam histórias em que a família se mobilizou, em um churrasco, pela avó que, ao comer uma carne muito grande, engasgou-se. Também há comentários sobre as vezes em que riram, enquanto comiam, e a comida saiu pelo nariz. Ainda, alguns compartilham as mais curiosas simpatias e truques para cessar uma crise de soluço. Essas implicam desde a colocação de fiapo vermelho na testa, a

promoção de sustos, aos goles de água dizendo "Solução vai, solução vem. Solução vai pra quem te quer bem", até a prática de se prender a respiração.

Figura 37 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 38 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Em seguida, temos as estruturas do coração. Por meio de uma caixa de som, é ouvido, durante todo o trajeto, o som de seus batimentos. Além disso, o pulmão, com mangueiras de led verdes e amarelas, conecta-se a ele (figura 39). A ideia de usar mangueiras verdes e amarelas surgiu para discutirmos a forma como artérias e veias são retratadas nas imagens didáticas, sempre de forma azul e vermelha, dando a errônea ideia de que existe um sangue azul, quando, na realidade, a diferença está nas estruturas de artérias e veias. Nós buscamos, nessa parte da Exposição, apresentar mais do que o trajeto do sangue e da circulação ou as estruturas do coração. É realizada a problematização do uso de medicamentos, drogas, cigarro, tanto para os fumantes ativos quanto passivos. Também voltamos à questão da higiene e da saúde bucal e dos dentes (figura 40). Ainda, abordamos, mais recentemente, o problema dos cigarros eletrônicos e narguilé, uma febre entre os mais jovens. Sabemos que muitos consideram inofensivos, contudo, podem gerar diversas doenças, as quais também são discutidas, a saber: a enfisema pulmonar, o câncer de pulmão, de língua, de laringe, faringe. No banner, também são ilustradas curiosidades como a quantidade de sangue bombeado (7.200 litros por dia) e o tamanho do coração, o qual tem as dimensões de um pulso fechado. Ainda, há uma foto de um coração, o que provocou diversas dúvidas. Os mais novos, geralmente, chocam-se pelo formato, diferente daquele comumente desenhado por eles; já os mais velhos, em geral, interessam-se em saber por que o coração está associado ao amor ou em função de que ele bate forte quando estamos com alguém de quem gostamos. Outros relatam histórias de como foram gerados no coração⁷, ou seja, destacamos como alguns órgãos são afetados por elementos sociais e culturais, enquanto outros se impressionam com a frequência cardíaca e com o som incessante do coração.

⁷ História contada no eixo “Histórias e Causos” no capítulo 5, intitulado: **O meu, o seu, o nosso: analisando relatos narrativos.**

Figura 39 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Aatoria pessoal, 2022.

Figura 40 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Aatoria pessoal, 2022.

Em seguida, voltamos a mencionar a respeito daquele alimento imaginado lá no começo, o qual, nesse momento, já chegando ao estômago (figura 41), transformar-se-á em quimo. O suco gástrico é representado por uma gelatina que fica dentro de uma garrafa pet transparente. Nessa parte da Exposição, é abordado sobre úlceras e gastrite, bem como acerca de suas relações com o consumo de determinados alimentos e com questões emocionais e genéticas. Muitos participantes costumam compartilhar suas vivências, contando que conhecem pessoas que têm refluxo ou que tinham esse problema quando crianças. Alguns relatam que, após comerem demais, precisam tirar um cochilo quase sentados, pois sentem

aquele aperto no estômago e, então, deitam-se. Outros questionam acerca da *h. pylori* que apareceu em algum exame e como ela foi parar lá. Do mesmo modo, contam sobre vômitos ao longo da vida, a respeito dos alimentos que fazem se sentirem mal, acerca dos chás que tomam pós-refeições. Ainda, reportam sobre as vezes em que ficam nauseados em passeios de carro ou ônibus, falam da maionese estragada do lanche, que fez a família toda vomitar, entre tantas outras histórias.

Figura 41 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Dando seguimento ao trajeto, é exposto sobre o fígado, a vesícula biliar, o pâncreas e os intestinos delgado e grosso, que são representados por metros e metros de feltro enrolado para idealizar sua dimensão. Além disso, uma espuma tipo casca de ovo (figura 42) está na parede para que os/as participantes passem as mãos, sentindo suas vilosidades enquanto discutimos sobre a absorção de água e nutrientes. Questões como as pedras na vesícula (figura 43), que foram doadas após a cirurgia de retirada delas por minha mãe, são fundamentais para que os visitantes visualizem que são pedras formadas na vesícula. Nesse momento, é explicada a causa principal desse problema, que é o excesso de colesterol e de sais biliares. A bile, a qual é ilustrada no banner, está associada àquela amarga lembrança sentida após vomitar (figura 44). Nessa parte da Exposição também são apresentados os tipos de diabetes (figura 45) e suas diferenças e causas. Reforçamos, através do grafite, os cuidados que

devemos ter com nosso corpo, controlando nosso peso. Após isso, voltamos ao falado enquanto ainda estamos lá na língua, sobre a importância de uma alimentação saudável e diversa. Ademais, abordamos as problemáticas do uso de certas drogas, tais como o cigarro e o álcool.

Figura 42 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 43 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 44 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”

VESÍCULA BILIAR

É o saco da amargura. Pequeno reservatório em forma de uma pequena pera que armazena a BILE, produzida pelo fígado, situando-se logo abaixo deste.

A bile é um suco digestivo, composto por sais biliares, que tem a função de dissolver gorduras, possibilitando a sua absorção pelo intestino, além disso auxilia na eliminação de resíduos de medicamentos excretados pelo fígado.

Sabe qual é o gosto da bile?
É aquele gosto amargo que tu sentes quando vomitas! ARGH!!!




CURIOSIDADES

- Tamanho: 8 cm x 4 cm;
- Capacidade: 50 ml;
- Quantidade de bile produzida pelo fígado: 1L/dia.

Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 45 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Seguindo o trajeto, explicamos, por meio de um modelo anatômico, a respeito do sistema urinário (figura 46). Nessa parte, há um penico representando o local onde normalmente as crianças aprendem a fazer xixi e que, portanto, é um objeto que já faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. Nesse momento, procuramos mostrar como é formada a urina, visto que existe uma confusão bastante comum, por parte dos/as visitantes, referente à água que ingerimos. Em geral, pensa-se que ela vai diretamente para a bexiga, onde é eliminada. Entretanto, na verdade, a absorção de água é feita no intestino grosso e vai para o sangue, chegando aos rins. Com isso, reforçamos o papel de filtragem do sangue pelos rins, e a conseqüente eliminação das toxinas e excedentes por meio desse órgão.

Além disso, abordamos a respeito da relação existente entre o aumento da vontade de urinar após ingerir bebidas alcólicas e sobre a necessidade de eliminarmos toxinas através da urina. Outro assunto mencionado é o aumento do fluxo urinário no inverno, já que temos a tendência de suar menos no frio. Todavia, ainda assim, temos que eliminar as toxinas e os excedentes em maior quantidade na urina. No banner, a curiosidade da capacidade da bexiga, que é de 400 a 500 ml, e a recomendação das/os monitoras/es de que não se fique segurando o xixi por muito tempo fazem os/as estudantes, geralmente, denunciarem, ainda que em tom de brincadeira, que o/a professor/a não permite saídas aos banheiros sempre que solicitado. Os professores relatam que, frequentemente, têm sua atenção chamada por parte dos/as

estudantes, os quais usam o biológico para justificar as inúmeras saídas, embora, muitas vezes, os/as docentes aleguem que é o social que fala mais alto nessa hora, pois a voltinha até o banheiro tem outros propósitos.

Figura 46 - Interior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Chegando ao último corredor da Exposição, temos, de um lado, a saída do ânus, representada por um buraco redondo na parede, pelo qual os/as participantes devem passar abaixados/as por uma estrutura de tecido em forma de túnel com bambolês. Esses representam esfíncteres (figura 47). Os/as visitantes podem usar um chapéu de feltro com formato de fezes, com um milho junto, que geralmente rende muitas risadas dos mais velhos e um certo nojo por parte dos mais novos. Esses últimos, com certa frequência, preferem até mesmo não usar o chapéu em decorrência do milho. Curiosamente, os mais novos, em sua maioria, acham divertido e preferem sair pelo ânus, enquanto os mais velhos, muitas vezes, demonstram uma repulsa e preferem sair pelo outro lado, em que temos a saída pela vulva (figura 48). Essa parte do corpo foi idealizada e criada a partir da sugestão feita pela professora Filomena Teixeira, da Escola Superior de Coimbra. A professora, em uma visita acadêmica ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, sugeriu a criação de uma genitália para se discutir as questões sobre sexo genital e as sobre questões gênero na Exposição. A partir da sugestão, optamos pela feminina, uma vez que poderíamos, também, representar o nascimento, em que os/as participantes podem nascer novamente, de parto normal, passando por tecidos transpassados pela apertada saída. Por meio de um zíper, que simula um corte, igualmente, é discutido

acerca da cesariana (figura 49). Essa opção foi pensada a fim de se possibilitar aos visitantes a discussão sobre os diferentes partos possíveis. Isso costuma render relatos a respeito de que forma foi o próprio nascimento dos visitantes da Exposição ou o nascimento de seus filhos/as, irmãs/ãos, conhecidos/as.

Ao definir o corpo com uma genitália feminina, sem ter a possibilidade, por uma questão de espaço físico, na mesma estrutura, de ter as duas genitálias fixas ao mesmo tempo, pensamos que também seria necessária a genitália masculina. Em função disso, confeccionamos um pênis, em tamanho grande, com testículos e prepúcio.

Independente da forma que escolherem para sair, em todas as visitas, são abordadas questões sobre o sistema genital feminino (figura 50) e masculino (figura 51), a respeito de menstruação, gravidez, desenvolvimento fetal (figura 52) e acerca de formas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

Entendemos ser importante refletir sobre o desenvolvimento humano. Esse é um processo que, desde seu início, a partir da fecundação, quando um zigoto vai se dividindo múltiplas vezes até formar o corpo de um feto, não depende apenas de fatores biológicos, visto que, a partir de um resultado positivo, no exame de gravidez, também vão se produzindo entendimentos através de marcas. Essas são inscritas antes mesmo do nascimento, como o nome que será dado o apelido pelo qual serão chamados/as, a cor que será pintado o quarto; as roupas que usarão, os brinquedos que terão; para que time irão torcer; que tipos de atividades farão, entre outras características aprendidas no convívio em sociedade.

Figura 47 – Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autorial pessoal, 2022.

Figura 48 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autorial pessoal, 2022.

Figura 49 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autorial pessoal, 2022.

Figura 50 – Exterior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Figura 51 - Saída da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autorial pessoal, 2022.

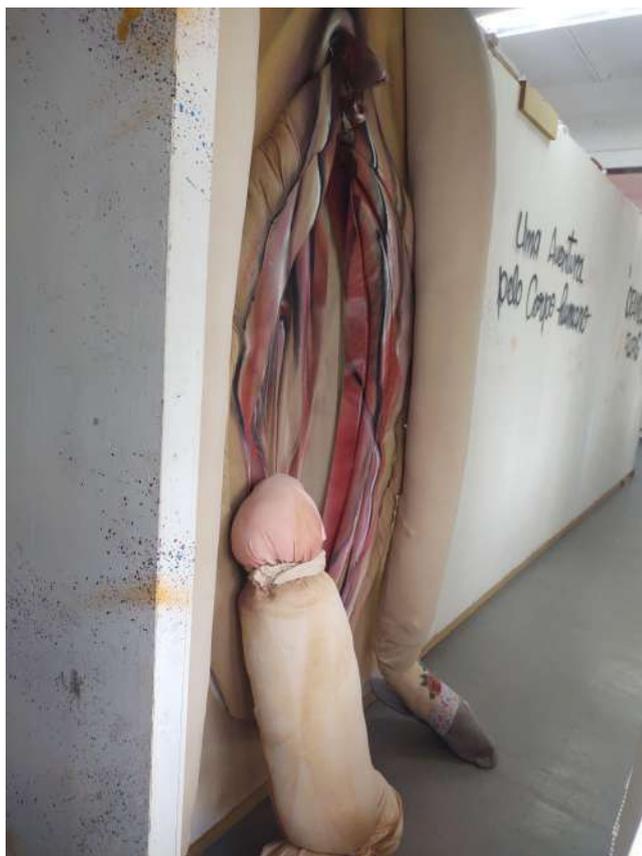
Figura 52 - Exterior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autorial pessoal, 2022.

Ainda, após a saída, reunidos na parte externa novamente, dessa vez pela parte da vulva (figura 53), as/os monitoras/es buscam fazer daquele um espaço confortável e seguro para que toda e qualquer dúvida seja sanada (figura 54). Frequentemente, nesse momento, os/as professores/as ficam afastados para que os/as estudantes se sintam mais à vontade. A partir disso, dependendo da idade dos/as participantes, as mais diversas pautas são levantadas. A título de exemplo, são discutidas questões como o clitóris ser um órgão de prazer feminino; questões de higiene pessoal de meninos e meninas. Além disso, muitas histórias e ‘causos’ são compartilhados. Em certa ocasião, um menino, timidamente, queria saber o que era “*uma coisa branca que sai do nosso pênis*” e uma porteira do prédio onde fica a Exposição relatou não saber o que era clitóris. Essas perguntas e dúvidas são discutidas no eixo “Histórias e Causos” no capítulo 5, denominado “**O meu, o seu, o nosso: analisando relatos narrativos**”.

Figura 53 - Exterior da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2017.

Figura 54 – Visita a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Autoria pessoal, 2017.

A partir dessa discussão final, os/as visitantes retornam às suas instituições. Esperamos que os momentos vividos na Exposição possam ter criado possibilidades para uma aprendizagem que seja significativa, com alegria, a qual faça sentido na vida dos/as estudantes. Desejamos que haja um entendimento do corpo para além da sua materialidade biológica. Objetivamos que ele seja produzido e transformado a partir de práticas sociais, discursos científicos e marcas dos acontecimentos. Ainda, temos o intuito que ele seja fruto de produções socioculturais geradas na interação entre o biológico, o cultural e interpeladas por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades.

Desse modo, foi e tem sido um desafio apresentar, na Exposição, o corpo de forma biossocial, pois ainda temos presente a forma como aprendemos sobre os corpos a partir de uma racionalidade moderna (cartesiana). Essa esquarteja, fragmenta o corpo em partes e busca apresentá-lo de forma geral e universal. Continuamos, a cada visita, a cada interação, a cada discussão, melhorar não só fisicamente esse espaço educativo, mas, principalmente, tecer outras formas de apresentar e discutir os corpos. Intentamos que esses sejam resultado da interação entre o biológico e o cultural – o que nos é dado por herança biológica e o que nos é dado como herança cultural. Cultural porque essa rede de elementos presentes na cultura constrói e reconstrói nossas formas de agir relacionadas ao nosso corpo, à nossa alimentação,

ao vestuário, aos cuidados, dentre outros aspectos. Biológica em função de que essas ações ou escolhas, como os hábitos alimentares ou as dietas promulgadas pelas mídias, causarão efeitos orgânicos.

Assim, no próximo capítulo apresentamos os caminhos que traçamos e as estratégias metodológicas utilizadas a fim de analisar esse espaço educativo.

4 POR ONDE O SANGUE CORRE: APRESENTANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; [...] de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estarmos inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individuação (CORAZZA, 2002, p. 121).

Ao refletir sobre as palavras de Sandra Corazza à respeito das práticas de pesquisa, refletimos sobre de quais maneiras foram construídas as estratégias metodológicas utilizadas para a produção e análise dos dados dessa pesquisa, assim, buscamos estratégias metodológicas que permitissem refletir os caminhos a serem utilizados para compreensão do objeto investigativo e a colaboração entre a pesquisadora, colaboradores/as da pesquisa e contexto sociocultural, nos aproximando assim, da pesquisa qualitativa, entendida a partir de Marcelo Medeiros (2012) como produtora de resultados que não são provenientes de quaisquer procedimentos ou formas de quantificação. Ainda segundo o autor, é por meio desta modalidade de pesquisa que torna-se “possível compreender sobre o universo simbólico e particular das experiências, comportamentos, emoções e sentimentos vividos, ou ainda, compreender sobre o funcionamento organizacional, os movimentos sociais, os fenômenos culturais e as interações entre as pessoas, seus grupos sociais e as instituições” (MEDEIROS, 2012, p. 224)

Assim, por compreendê-la como uma análise que leva em consideração as peculiaridades e a importância de cada relato e experiência, justificamos nossa opção pela pesquisa qualitativa, e especificamente a pesquisa narrativa, definida por Jean Clandinin e Michel Connelly (2015, p. 20) como “uma forma de entender a experiência”, por compreendemos a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos e produz sentidos às experiências, tanto para si, quanto para os/as outros/as e para os contextos em que estão inseridos/as.

Jens Brockmeier e Rom Harré (2003) evidenciam o contexto histórico, social e cultural implicado na produção das narrativas. Para os autores, as narrativas são construídas pela cultura, de acordo com o nível de conhecimento do indivíduo e suas características pessoais.

Para Jorge Larrosa (1996), a narrativa é uma modalidade discursiva, na qual, ao narrarmos nossas histórias e ouvirmos histórias de outras pessoas, estamos nos constituindo enquanto sujeitos. Sendo assim, a escolha por essa forma de investigação se dá pela maneira como a investigação narrativa analisa como os sujeitos se relacionam com o mundo e, portanto, com os mais diversos espaços, assim como com os outros sujeitos.

Entendendo a investigação narrativa enquanto “uma forma de compreender a experiência” que se dá “no meio do viver e do contar, do reviver e recontar histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas as perspectivas: individual e social”, (CONNELLY; CLANDININ, 2015, p. 51), criamos as possibilidades para entendê-la também enquanto um processo de aprendizagem que possibilita o pensar narrativo e a composição de sentidos das experiências (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Por isso, optamos neste estudo por analisar relatos narrativos, pensando a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” a partir da análise das narrativas das colaboradoras e do colaborador⁸ – coordenadoras da Exposição, técnica em educação, bolsistas e professoras – desta pesquisa, coletivamente, por entendermos que, para esta pesquisa, o modo como eles/as contam, percebem, apontam situações é o que constrói e atribui sentidos à Exposição.

As colaboradoras enviaram os textos narrativos em formato de documento de texto, áudios ou vídeos, já que entendemos textos narrativos como uma forma de pesquisa narrativa que possibilita uma forma de escuta em que as expectativas, propósitos, desejos e paixões são de outra ordem, muito mais pessoal pela aproximação de cada uma com a Exposição. Assim, por entender que a Exposição é produzida por múltiplas experiências e vozes, solicitamos através de um convite (figura 55), que as colaboradoras compartilhassem as suas experiências. Como forma de sugestão para serem pensadas em seus textos, as provocamos a refletir sobre, os motivos que levaram à construção e atualização da Exposição, quais são os objetivos da mesma, as histórias que os/as estudantes e os/as professores/as contam quando visitam a Exposição, as conversas informais que nos marcam, as conexões que fazem, o que gostariam de acrescentar ou modificar na Exposição entre outros aspectos que acharem pertinente. Entendemos que, ao contarem suas histórias e experiências, as colaboradoras conservaram rastros do que viram e como coloca Larrosa “[...] o dizer-se narrativo não implica uma descrição topológica, mas uma ordenação temporal. Assim, o narrador pode oferecer a sua própria continuidade temporal” (1994, p. 69).

⁸ Optamos por, ao nos referirmos às oito colaboradoras e ao único colaborador desta pesquisa, evidenciar a escrita no gênero feminino por entendermos que historicamente a língua portuguesa tem privilegiado escritas no gênero masculino, mesmo quando mulheres são a maioria.

Figura 55 - Convite feito as/os colaboradoras

QUERIDAS COLEGAS,

Como sabem a minha pesquisa tem por objetivo investigar a exposição intitulada "Uma aventura pelo corpo humano" a fim de analisar as potencialidades desse espaço educativo para o ensino dos corpos, numa perspectiva biossocial.

Portanto, as vivências que vocês tiveram com a Exposição é muito importante para a construção dessa pesquisa. Me inspiro na citação abaixo de Larrosa para solicitar a vocês que compartilhem comigo suas experiências.

"E EXPERIÊNCIA AQUILO QUE 'NOS PASSA', OU QUE NOS TOCA, OU QUE NOS ACONTECE, E AO NOS PASSAR NOS FORMA E NOS TRANSFORMA. SOMENTE O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA ESTÁ, PORTANTO, ABERTO A SUA PRÓPRIA TRANSFORMAÇÃO." (LARROSA, 2018, P. 28).

DESTA FORMA, CONVIDO VOCÊS A COMPARTILHAREM COMIGO O QUE PASSOU, TOCOU E ACONTECEU DURANTE O PERÍODO QUE PARTICIPARAM DA EXPOSIÇÃO ATRAVÉS DE UM TEXTO/ÁUDIO/VÍDEO NARRATIVO, OU SEJA, AS SUAS EXPERIÊNCIAS, AS HISTÓRIAS QUE AS/OS ESTUDANTES E OS/AS PROFESSORES/AS CONTAVAM DURANTE A VISITA À EXPOSIÇÃO, O QUE GOSTARIAM DE ACRESCENTAR OU MODIFICAR NA EXPOSIÇÃO ENTRE OUTROS ASPECTOS QUE ACHAREM PERTINENTE.

Desde já agradeço a colaboração de todas!!!



Fonte: Autoria pessoal 2020.

Por tratarem-se de sugestões e não fazerem parte de um roteiro estruturado de pesquisa, essas questões, emergem nos textos de diferentes maneiras, com algumas provocações sendo mais fortes para determinadas participantes, que trazem reflexões repensar o corpo como biossocial, enquanto outras buscam expor as discussões feitas buscando aproximar a Exposição ao corpo dos/as estudantes.

A partir destas reflexões e como parte da equipe do CEAMECIM e monitora da Exposição me coloco com um olhar, com diferentes expectativas e curiosidades para com as experiências e narrativas que emergem no espaço da Exposição, “cabe reconhecer que a relação pesquisador e pesquisado acontece na dimensão da experiência de ambos, transcendendo, assim, os papéis destinados a esses sujeitos na pesquisa científica tradicional” (DUTRA, 2002, p. 375), desta forma, ao ler os textos das colaboradoras desta pesquisa, sou afetada por seus relatos – que são experiências produzidas a partir das vivências únicas de cada uma.

Assim, neste estudo, organizamos as narrativas das colaboradoras desta pesquisa de maneira coletiva, na forma de relatos narrativos, por entendermos que o modo como esses sujeitos contam, percebem, narram e apontam situações constrói e atribui sentidos à Exposição. Os relatos narrativos são, portanto, uma composição das experiências vividas por mim e por cada participante, feitas a partir da interlocução de diferentes vivências e modos de narrar a Exposição.

Com isso, esta pesquisa se constitui em um compartilhar de narrativas, de participantes que vibram e tremem com suas experiências e as transformam em canto que “ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos” (LARROSA, 2014, p. 10). Portanto, nesse partilhar de vozes que foi o processo de narrar experiências, emergiram uma pluralidade de narrativas e de sentidos que foram se construindo à medida em que essas vozes foram se entrelaçando.

No processo de pensar como seria construir as análises desta dissertação, percebemos que a polifonia que ressoa no processo de produção dos dados é o que foi constituindo a trama narrativa a qual entrelaçamos por meio dos relatos narrativos. Nesse entrelaçar, entendemos então que a escrita desta dissertação vai além da minha narrativa e das interlocuções teóricas que vão sendo tecidas com os/as diversos/as autores/as, pois ao convidar as colaboradoras a relatarem suas experiências, essas “vão-se misturando a minha, provocando deslocamentos, afetações, hibridismos mútuos” (CASTRO, 2013, p. 140).

Na pesquisa narrativa, a pesquisadora faz parte do processo de investigação, (re)vive e (re)constrói histórias e experiências, “como pesquisadores narrativos, trabalhamos no espaço, não só com nossos participantes, mas também, com nós mesmos. Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 98), sendo através deste entrelaçamento de histórias, experiências e partilhas de narrativas que esta dissertação foi construída.

Contudo, é importante ressaltar que esta pesquisa resulta na construção de uma outra narrativa, diferente daquelas das colaboradoras, visto que essa é a narrativa que passo a construir a partir dos meus atravessamentos, dos sentidos e significados que me interpelam e das escolhas que fui fazendo na construção dessa pesquisa. Para Paula Ribeiro e Dárcia Ávila destacam (2013, p. 72):

[...] Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se apresenta como algo complexo porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outro momento de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes.

Sendo assim, iniciamos os movimentos para a produção dos dados da pesquisa, propondo a construção de um texto sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, para as seguintes colaboradoras da pesquisa⁹ que se autodescreveram:

- As duas coordenadoras da Exposição, sendo elas:

Mulher, branca, formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande, mestra em Biociências pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenadora do projeto da Exposição “Uma Aventura Pelo Corpo Humano” e orientadora desta dissertação.

Mulher, branca, formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande, mestra em Educação em Ciências pela mesma universidade. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal do Rio Grande, atuando no CEAMECIM, através da parceria entre a Secretaria de Educação do Município e a Universidade Federal do Rio Grande.

- A técnica em educação do CEAMECIM

Mulher, branca, formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande, mestra em Ciências Fisiológicas - Fisiologia Animal Comparada e Doutora em Educação em Ciências pela mesma universidade. Atualmente é Técnica-Administrativa em Educação no CEAMECIM.

- As duas bolsistas e um bolsista que participaram da Exposição, sendo elas e ele:

Mulher, branca, estudante de Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande e bolsista do CEAMECIM.

Mulher, branca, formada em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande, atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais na mesma universidade.

Homem, branco, formado em Ciências Biológicas Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande, atualmente mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências na mesma universidade.

⁹ Todas as colaboradoras da pesquisa assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido e enviaram quando entregaram os textos narrativos (Apêndice 1).

- As professoras que visitaram a Exposição enquanto estagiárias do curso de pedagogia, sendo elas:

Mulher, branca, formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande, atualmente mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental na mesma universidade.

Mulher, branca, formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande, atualmente mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências na mesma universidade.

Os relatos narrativos foram produzidos a partir da transcrição dos textos das colaboradoras. Justificamos que estes relatos narrativos não são fragmentos dos textos de campo, mas sim potentes articuladoras de experiências “que, num mosaico de outras particularidades, configura uma totalidade” (PETRUCCI-ROSA, 2011, p. 205). Podemos entendê-los como memórias narradas, memórias estas que guardam consigo fragmentos de histórias que, juntas, buscam dar sentidos a um contexto maior, ou ainda, “[...] fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo possa também ser contado por um de seus fragmentos.” (PETRUCCI-ROSA, 2011, p. 203).

Entendemos que os relatos narrativos foram produzidos por diferentes experiências dos sujeitos que vivenciaram a Exposição e que se entrelaçaram com nossas experiências produzindo uma outra experiência que ressoou. Para Dilma Mello, Shaun Murphy e Jean Clandinin, “o centro de uma investigação narrativa está a experiência, tanto a nossa, pessoal, e a dos participantes, quanto a experiência em si de conduzir uma investigação narrativa.” (2016, p. 581).

Não estamos considerando que os relatos narrativos que emergiram na produção dos dados representaram a totalidade do que as/o colaboradoras tinham e têm a dizer ou pensam a respeito da Exposição, pois, como coloca Larrosa (1996, p. 461-462) “as narrativas pessoais se produzem e se medeiam em diferentes contextos sociais e com diferentes propósitos”. Assim, na análise, tomamos a narrativa como uma modalidade discursiva em que, através das narrações, são construídos os sentidos das experiências, neste caso, os sentidos produzidos sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.

Lembrando que assim como Jorge Larrosa, “Eu fiz também meus próprios cantos de experiência, também intensos e apaixonados compostos, em sua maior parte, como ecos, variações ou ressonâncias de músicas alheias” (LARROSA, 2018, p. 11), sendo assim, construímos os relatos narrativos, que emergem tanto da junção das narrativas das/o

colaboradoras, quanto ao meu olhar enquanto monitora da Exposição e pesquisadora da mesma, justamente por entendermos ser difícil separá-las.

Ressaltamos que nossa intenção não é que os relatos sejam “categorizados, pois qualquer tipo de classificação fixaria verdades, apagaria as ambiguidades contidas nas histórias e reduziria muito o espectro de ressignificação das experiências vividas” (ROSA *et al.*, 2011, p. 154).

Assim, a estratégia de análise consistiu em analisar os relatos narrativos sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” a partir da transcrição dos textos das/o colaboradoras e do exercício da leitura sucessiva desses textos. Através dessa estratégia foram produzidos três linhas temáticas (figura 56), em função das temáticas da pesquisa.

Figura 56 – Linhas narrativas produzidas na pesquisa



Fonte: Autoria pessoal 2021.

A linha narrativa “**A Exposição uma Aventura Pelo Corpo Humano - Práticas para o debate do corpo biossocial e resistências**” emerge a partir das diferentes perspectivas narradas sobre a Exposição, ou seja, o incômodo com a forma como o corpo era discutido nos espaços educativos, os entendimentos necessários para a criação de seu espaço, as novas ideias para (re)pensar o ensino dos corpos, suas atuações, sua história, as formas como tocou

suas/seus colaboradoras, os tensionamentos, as potencialidades e resistências que a compõe, assim como seu entendimento enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos.

A linha narrativa **“Experiências e ‘causos’ - Práticas dos corpos, do gênero e da sexualidade”** emerge a partir da dinâmica da Exposição, o fato de cada visitante ser e construir um entendimento único a partir de sua visita, os apontamentos feitos e situações vivenciadas na Exposição tanto por mim, quanto pelas colaboradoras que nos marcaram e fizeram refletir de várias formas, a curiosidade dos participantes e as percepções das/os monitoras/es sobre as visitas.

A linha narrativa **“Feira do livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade”** emergiu, pois, ao trilhar a história da Exposição, foi na feira a primeira vez em que ela foi montada, sendo um espaço educativo diferente ao qual a Exposição se inseriu, trazendo diferentes desafios, ao mesmo tempo que sendo um importante norteador das provocações dos/as visitantes.

Portanto apresentamos a seguir as linhas narrativas produzidas a partir das experiências vividas e produzidas nos relatos narrativos.

5 O MEU, O SEU, O NOSSO: ANALISANDO RELATOS NARRATIVOS

A construção dos relatos narrativos nos possibilitou não só “escrever, dar permissão para escrever”, mas também “estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível” das experiências narradas, “uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e excitados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras”. Ou seja, uma colcha de retalhos que nos permitiu tecer fios de textos entremeados em outros novos textos, fazendo destas linhas narrativas “um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito” (LARROSA, 2003 p. 146).

5. 1. A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” - Práticas para o debate do corpo biossocial e resistências

A forma como o corpo era discutido nos espaços educativos sempre foi uma pauta que incomodava e promovia questionamentos, por percebermos que a visão que persiste ainda hoje em muitos espaços, é a de um corpo humano como uma máquina, compartimentado, separado em caixinhas. A partir desses desconfortos, surge a ideia e o desejo de pensar o corpo de outras maneiras, já que nós não poderíamos deixar de pensar que não existe fora do social, portanto o corpo, que é biológico, quando nasce já está imbuído de todo um contexto, que é um contexto social e cultural. Assim, a Exposição partiu do biológico porque ela própria parte dos sistemas do corpo, mas pretende a partir dela que se abordem/trabalhem outras perspectivas, para além do biológico. No entanto, no início, embora se quisesse repensar o corpo, ainda não se tinha a visão de corpo biossocial que entendemos hoje, mas sim uma visão de organismo integrado, pois, embora estivéssemos formulando uma proposta de trabalhar as conexões do corpo através da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, ainda não pensávamos os entrelaçamentos entre o biológico e o cultural. A construção deste entendimento de corpo biossocial foi se dando através dos múltiplos olhares e contribuições, das/os professoras/es, monitoras/es, estudantes e colaboradoras em geral que foram trazendo outros elementos para pensar o cotidiano. Entretanto é necessário a iniciativa do/a monitor/a da Exposição para fazer essas discussões do corpo como biossocial junto os/as estudantes. Assim, a cada ano, novas possibilidades como as tatuagens, o piercing na língua, as unhas pintadas, as pulseiras, as discussões sobre gênero e sexualidade e a

própria história que vai sendo construída a cada visita sobre quem é esse corpo, o que gosta de comer, se gosta de se exercitar, se fuma, se bebe, se estuda muito, se já fez coco com milho, vão surgindo e nos permitem pensar esse corpo enquanto biossocial. Além disso, nos permitem pensar o espaço da Exposição enquanto um espaço educativo para além da sala de aula, como um espaço dentro da universidade que aproxima as/os estudantes da universidade, um espaço que também é deles, aproxima as/os estudantes de um outro entendimento do corpo humano, aproxima as/os estudantes e os/as professores/as de uma outra forma, trazendo os elementos desse corpo biossocial, essas interações, elementos dos corpos generificados, das falas das crianças...Evidente que a questão da materialidade biológica ainda é muito forte, mas com esses entrelaçamentos históricos, cultural e social que vão sendo trazidos, talvez esse seja um dos papéis mais importantes da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”, ser um lugar de aprendizado não sobre o corpo e seu funcionamento biológico, mas sobre os desejos, vivências, relatos, anseios de cada um e como a soma de todos eles nos tornam quem somos. Contudo, para além disto, a Exposição também é feita de muita resistência, quando resolvemos trazer ela de forma fixa para dentro do espaço do CEAMECIM, trouxemos junto muitos problemas: o incômodo pelo coração batendo; por sempre ter turmas circulando, falando; o incômodo por ser uma atividade super comentada e divulgada, a disputa por espaço no centro do prédio, que deveria ser “um espaço de convivência”, onde tivemos que ouvir muitas vezes “até quando vai ficar aí?”, “vai ficar muito tempo?”, “está atrapalhando, no meio do caminho, tira a visão...” de pessoas que ao mesmo tempo dizem para seus/suas estudantes, para os/as próprios/as professores/as da rede pública municipal e estadual que a Exposição é ótima, maravilhosa, também se opõe à estrutura montada num espaço em que provoca, instiga a pensar; por a mesma atrapalhar a visão, ficar no meio do caminho, atravancando o caminho. É bem complicado, pois nesses momentos que a gente vê o quanto a prática é desvinculada do discurso. Se prega uma coisa mas se faz outra. Eu penso que hoje, essa Exposição não está mais aí de tanto que ela incomodou, chegou um momento que da última vez que ela veio da feira do livro não queriam que ela fosse montada, a gente teve que acionar tanto a reitora, quanto o pró-reitor de extensão para que a Exposição se mantivesse, se conseguiu um outro espaço para ela, dentro de uma sala fechada, em outro prédio, foi uma escolha que teve que ser feita, mas enfim, sempre seremos resistência pela nossa atividade.

O desassossego na forma como o corpo era e ainda é trabalhado nos espaços educativos, esquadrinhado, separado em caixinhas, com vísceras e órgãos expostos, cuja relevância está nos nomes e nas funções atribuídas a cada uma de suas partes, aparece muito forte no relato narrativo. O incômodo da percepção de que nos espaços educativos o ser humano cabe apenas aos pedaços, onde,

[...] Nas séries iniciais ele entra dividido em cabeça, tronco e membros. Mais adiante, o lugar do corpo humano é o lugar dos sistemas, em que cabe apenas um sistema por vez, o digestivo, o circulatório, o reprodutor, e respiratório. No ensino médio o corpo se “espreme” nas células e se estudam as funções celulares e moleculares, que já não são exclusivas do corpo humano, mas universais para os seres vivos. Parece que ao avançarmos na escolaridade, avançamos também na fragmentação desse corpo. (TRIVELATO, 2005, p. 122) [grifos da autora].

Juntamente ao entendimento de que ao eleger e valer-se do biológico como o discurso hegemônico para conduzir as discussões sobre os corpos, os espaços educativos priorizam uma visão que acaba por silenciar a produção de outros saberes, tais como aqueles provenientes da cultura, das experiências e das vivências dos/as sujeitos nos diversos meios sociais, como apontam Tatiana Camargo e Nádia Souza:

[...] entendemos que a educação escolarizada é um espaço privilegiado no aprendizado de conhecimentos sobre o corpo e os cuidados de si. No entanto, as práticas escolares, especialmente aquelas relacionadas ao ensino de ciências e de biologia, ao centrarem suas abordagens na visão biológica de corpo, deixam de incluir em suas discussões os saberes e “conteúdos” produzidos por pedagogias que ensinam “fora” do ambiente escolar. Essa tradição escolar vem impedindo a produção de um outro saber crítico e relevante para a vida das pessoas, capaz de fazer frente às múltiplas “verdades” que inscrevem e regulam os seus corpos (2012, p. 76) [grifos das autoras].

Assim, este foco no biológico tão evidenciado nas práticas escolares e concedido ao corpo humano o reduz à categoria de organismo, visto que a abordagem apresentada é pautada apenas pelo discurso científico, impossibilitando outros olhares para os corpos como bem destaca Nádia Souza (2012, p. 17) “corpos cujas existências e funcionamentos estão em permanente constituição e transformação nas relações estabelecidas com as práticas sociais em ação em diversas instâncias – família, médica, religiosa, midiática, escolar, amizades, dentre outras.”

Também foi possível perceber no relato narrativo que ainda no início da organização da Exposição se trabalhava ainda com a ideia de corpo integrado: “No entanto, no início, embora se quisesse repensar o corpo, ainda não se tinha a visão de corpo biossocial que

entendemos hoje, mas sim uma visão de organismo integrado”. O grupo procurava outras estratégias para apresentar o corpo buscando fugir das “caixinhas” dos sistemas, tentando integra-lo aos aspectos sociais, como destacam Paula Ribeiro et al. “nós, sujeitos constituídos de células, órgãos, tecidos e sistemas, também somos produzidos, modificados e (re)significados constantemente, por aquilo que vestimos, comemos, falamos, ouvimos, lemos, enfim, por discursos que nos interpelam e constituem nossas subjetividades” (2012, p. 12) . Não estamos dizendo que não é uma estratégia válida de ensinar sobre os corpos, mas acreditarmos que muitas vezes essas são as estratégias nomeadas como biossociais, mesmo que estas não estejam relacionando os corpos às práticas sociais em quaisquer instâncias, ou nem mesmo apresentando corpos interpelados por discursos e imagens. Ou seja, mesmo quando se propõe o estudo de uma visão integrada dos corpos, ainda trata-se apenas do corpo humano enquanto materialidade biológica.

Para Moraes, Menezes e Salomão (2014), no ensino de ciências, ainda hoje de maneira hegemônica, o corpo humano apresentado é o corpo organismo, padronizado, inexpressivo e sem contemplar as individualidades dos sujeitos. Nesse sentido, (GROSSI, 1990 p. 48, apud FERREIRA, 2010 p. 4) interroga:

Mas, qual é a diferença entre o organismo e o corpo? Uma mão é organismo enquanto estiver simplesmente sendo vista como um pedaço de alguém. No momento em que fizer um gesto de adeus ou um gesto de OK, já não é mais organismo; trata-se de uma manifestação do corpo. O corpo é a forma como o organismo atua. Pode-se comparar o organismo a uma tela e o corpo, à imagem que a inteligência e o desejo projetam sobre essa tela.

No relato percebemos que existiu um processo para que as discussões e entendimentos sobre o corpo biossocial pudessem efetivamente estar presentes na Exposição, ou seja, entender o corpo como efeito das relações entre o biológico e o social na sua existência. “*A construção deste entendimento de corpo biossocial foi se dando através dos múltiplos olhares e contribuições*”. Foi preciso ampliar o entendimento sobre os corpos, interrogando a forma como estes são trabalhados nos diferentes espaços educativos e, assim, com o tempo e as contribuições de quem passou pela Exposição seja como participante, como monitor/a ou professor/a, foram condições de possibilidade para novas possibilidades de ensino dos corpos.

A Exposição se constituiu, desde o princípio, como apresenta o relato, com um caráter colaborativo, sendo feita, artesanalmente, a muitas mãos. Justamente por se tratar desta estrutura estanque, que fisicamente, ela não dá conta de contemplar todas as discussões de um corpo de forma biossocial, entendido para além da sua materialidade biológica, como produzido e transformado a partir de práticas sociais, discursos científicos e marcas dos

acontecimentos, sendo também, produções sócio-culturais – produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades. Para isso, se fazem indispensáveis as discussões de como os corpos são e foram sendo produzidos, especialmente em um contexto de ensino, em que a escola pode ser entendida como um espaço que (re)produz um saber-poder¹⁰ sobre os corpos, corpos estes que ao mesmo tempo são efeitos e objetos desse investimento.

Assim, mesmo que a Exposição proponha a construção de um outro entendimento sobre os corpos, com o biossocial, buscando fazer aproximações com o cotidiano de modo que faça sentido de acordo com a realidade de cada estudante, foi preciso ficar atento para não ficar presos/as apenas a estrutura física da Exposição, com banners, grafites e modelos anatômicos, pois assim ainda teriam apenas uma visão do corpo humano enquanto materialidade biológica.

É na articulação da fala dos/as bolsistas à dos/as participantes que se foi construindo os entendimentos que almejam, pois entendemos que na polifonia de vozes e experiências (LARROSA, 2015) que se constrói uma experiência que é tanto biológica, quanto social, que leva em consideração a cultura e os modos de ser e estar na sociedade, compreendendo os corpos a partir de sua história, relacionados às práticas e culturas, como uma construção social que vai se modificando conforme as transformações vivenciadas no decorrer da vida, mudando conforme muda a sociedade, e ao mesmo tempo indica os modos e costumes da cultura ao qual está inserido. Como bem coloca Elenita Silva (2012, p. 08) “Somos e temos um corpo numa rede de sentido que nos faz vir-a-ser; nos faz devir continuamente e assim nos assusta e inquieta: o corpo menstrua – lembra – esquece – envelhece – deseja – pulsa – arrepia – enrijece – ama – odeia – entristece. Ao mesmo tempo em que o sabemos, nos é estranho, desconhecido.”

Assim, entendendo que tanto a cultura quanto os modos de estar na sociedade estão em constantes mudanças, a Exposição busca trazer novos elementos, como piercings, tatuagens e acessórios, e outros marcadores identitários, que entendemos como símbolos culturais, buscando aproximar o corpo da Exposição a/aos corpos dos/as participantes. *“Assim, a cada ano, novas possibilidades como as tatuagens, o piercing na língua, as unhas pintadas, as pulseiras, as discussões sobre gênero e sexualidade e a própria história que vai sendo construída a cada visita sobre quem é esse corpo, o que gosta de comer, se gosta de se*

¹⁰ Saber-poder é uma expressão utilizada por Foucault, que destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2018, p. 28).

exercitar, se fuma, se bebe, se estuda muito, se já fez coco com milho, vão surgindo e nos permitem pensar esse corpo enquanto biossocial.” O quanto essas marcas reverberam na visão de alguns/algumas participantes sobre esse espaço educativo. Isso torna-se evidente a cada vez que o piercing na língua causa comoção, logo na entrada da Exposição, a identificação deste marcador identitário é quase que instantânea e unânime, gerando mais comentários – sobre ter ou conhecer alguém que tem – do que as papilas gustativas, estruturas biológicas com as quais o piercing divide espaço na língua. As unhas pintadas, pulseiras e tatuagem também repercutem entre os/as participantes, alguns relatam surpresa por esses marcadores, tão comuns na vida cotidiana, estejam presentes em um espaço educativo.

Entender a Exposição enquanto um espaço educativo é portanto, compreendê-la enquanto produtora de significados e discursos, pois esta “captura sentidos que circulam na cultura, ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (SANTOS, 2000, p. 196). A Exposição como um espaço pedagógico e educativo produz significados, e busca construir uma relação de ensino-aprendizagem com quem à visita, que é tanto diferente do espaço da escola, quanto diferente dos museus e outros espaços educativos, buscamos, através dela, compreender os corpos como mais do que materialidades biológicas reduzidas à máxima divisão possível, constituídas em sistemas com: órgãos, tecidos, células, organelas, cromossomos, genes, onde apenas suas características anatômicas/fisiológicas são privilegiadas, evidente que a questão da materialidade biológica ainda é muito forte, conforme dito nas narrativas, mas buscamos através da Exposição, discutir os corpos como produções sócio-culturais, interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades, ou seja, corpos biossociais (SOUZA, 2001).

Nesta busca para tornar o entendimento de corpo na Exposição mais próximo do biossocial, foi necessário que um processo de repensar a estrutura, os diálogos estabelecidos, o que foi colocado por cada estudante, professor/a, visitante, refletir sobre cada nova provocação tanto no espaço físico da Exposição, quanto em como esse espaço reverbera nas escolas, na universidade, nas/os monitoras/es, refletindo quais efeitos e aprendizagens são possíveis de serem feitas nas salas de aula, nessa potência de pensar o corpo desta forma, que não é fácil, visto que estamos inseridos/as num ensino em sua maioria compartimentalizado.

A Exposição também também é uma possibilidade de debate e discussão com os/as estudantes da FURG, que aos poucos, foram conhecendo esse espaço, fazendo com que muitos se aproximassem e contribuíssem tanto como bolsistas, quanto enquanto futuros professores/as. É fundamental destacar que o espaço educativo também possibilita aproximações com a formação inicial e continuada, através da possibilidade de utilização

dessa Exposição para a formação tanto de professores/as, quanto dos/as diferentes bolsistas que por lá passaram e foram aprendendo de formas dinâmicas como ensinar sobre os corpos.

Desta perspectiva, cabe reforçar o quanto é relevante que professores/as incorporarem ao cotidiano de suas práticas escolares diferentes representações culturais dos corpos que circulam na sociedade, rompendo a lógica biologicista dominante nos conteúdos escolares, privilegiando espaços com práticas educativas direcionadas a exploração dos corpos, como a Exposição, em que os/as indivíduos/as possam ser provocados/as pelo/a monitor/a e aprender mais sobre si, para também compreender melhor o outro, dando ênfase ao fato de que a vida em sociedade requer mais que conhecer a si mesmo, mas reconhecer-se no outro enquanto um ser social em interação com o meio.

A Exposição traz múltiplas aprendizagens para os sujeitos, além de ser um espaço de resistência¹¹, tanto de pensar o corpo humano de outra forma, quanto de manter ele dentro da universidade todos esses anos, embora muitas vezes em sua história, algumas pessoas tenham se contraposto ao seu espaço, por fazer barulho, atrapalhar a frente da sala das pessoas, nos colocamos como resistência portanto, por entendermos que é o que nos “possibilita criar espaços de combates, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis. Ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações” (PARAÍSO, 2016, p. 408). Logo, as estratégias de luta e de resistência nesse espaço educativo, nos colocam em embate, desafiam as relações, produzindo e transformando os entendimentos sobre o ensino dos corpos, de modo a criar outras possibilidades, tendo uma história de avanços, de participação na comunidade, de ser espaço de produção de conhecimentos, de acolhimento com a pluralidade de sujeitos – tendo passado pela Exposição, estudantes cegos, surdos, cadeirantes, assim como, apenados, mulheres sem escolarização – de encontros e conflitos, que propõe uma aprendizagem que seja significativa, com alegria que faça sentido na vida dos/as estudantes e de quem visita a Exposição, sendo estes, elementos muito importantes que a Exposição traz consigo e a torna potente.

¹¹ Entendemos a ideia de resistência a partir de Michel Foucault, como ação, reação, efeito, invenções possíveis, diante de relações de poder (FOUCAULT, 2010).

5.2 Experiências e ‘causos’ - Práticas dos corpos, do gênero e da sexualidade

Na Exposição não há um dia igual ao outro. A cada turma que entra para a visita, surgem diferentes perguntas, respostas, risadas e experiências compartilhadas entre todas e todos nós. No geral, as/os participantes são curiosas/os e sabem como testar nosso jogo de cintura fazendo muitas perguntas e quase sempre sem o menor constrangimento, muitas vezes acham que somos médicas que estamos a disposição para dar diagnósticos e aconselhar sobre enfermidades, trazendo muitos relatos e compartilhando suas histórias de vidas que muitas vezes se cruzam com as nossas, como a de um menino que queria saber se: “dava pra morrer de tanto fumar?” que fez lembrar na monitora, memórias da irmã mais velha fumando escondida no quarto que compartilhavam, mesmo sabendo que a irmã mais nova tinha asma. Após o final do trajeto o mesmo menino volta e compartilha mais um pouco de sua história: O pai morre, a mãe, que não sabia nem a senha do banco pois o dinheiro e tudo na casa era controlado pelo marido, entra em uma depressão profunda, apenas fuma, não come nada mesmo com a insistência da criança. Um dia ninguém aparece para buscá-lo na escola, o conselho tutelar é acionado e o leva para casa. A porta entreaberta anuncia uma tragédia: a mãe é encontrada morta. “Morreu de tanto fumar” é a associação que a criança faz e a dúvida que leva para a Exposição.

Em outro momento, falando sobre o útero ser o local onde os bebês são formados e vão crescendo até estarem prontos para nascer, uma menina interrompe e diz que ela não esteve no útero, tento explicar que todos os bebês estiveram, mas ela é incisiva: ela não! Peço para que me diga onde ela esteve então e ela diz: “nesse que está batendo agora” e aponta para o coração -que fica com o som em um pen drive, batendo durante todo o trajeto-. Ela continua, “minha mãe diz que eu não nasci da barriga dela, mas nasci do seu coração”. Entendendo o que foi dito, aproveito para discutir sobre a adoção e me corrigir dizendo que sim, alguns bebês crescem e nascem de corações, embora não literalmente.

Em uma ocasião, após a visita da Exposição, os/as estudantes e as professoras sentam em círculo para lanchar, rezam um pai e nosso e, quase que imediatamente ao final da oração, todas as meninas formam duplas e começam a fazer uma guerra de braço. A professora nos olha com um sorriso nervoso e se desculpa, partindo para um sermão alto e claro: “Parem já, isso não é coisa de menina!”. A professora justifica sua fala dizendo às estudantes: “Vocês

não acabaram de ver como o nosso corpo é incrível?! As mulheres são capazes de gerar uma vida. isto que é coisa de menina, não guerra de braço.

Em outra ocasião, um estudante, que após uma conversa sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) levanta a mão e faz uma pergunta: “Eu queria saber...que me disseram...que quando a gente se toca sai uma coisa branca do nosso pênis... aí eu fiz e é verdade... e eu queria saber o que é”. Toda a turma cai na gargalhada, a professora sem jeito também não controla o riso. No entanto, quando uma estudante menina grita: “Isso é gozo”, a expressão da professora muda. Ela pede silêncio a todos/as, mas repreende especialmente as meninas, que nesse momento já estão constrangidas com os comentários dos colegas meninos.

Pouco depois do final de uma visita a Exposição a porteira do prédio do CEAMECIM, uma senhora que à essa altura tinha seus cinquenta e cinco, chega curiosa perto da saída com a vulva que foi carinhosamente apelidada de Catarina -para combinar com Zeca, apelido dado ao pênis por estudantes que não conseguiam falar vulva e pênis sem cair na gargalhada durante uma visita- e pergunta, timidamente, “por que essa tem esses dois caninhos em cima?” se referindo à uretra e ao clitóris, nomes que ela nunca tinha sequer ouvido na vida. Ao explicar a função de cada uma das estruturas ela ri e diz, agora não mais tão timidamente, que a função ela conhecia na prática, só não sabia o nome mesmo.

Durante a construção dos textos narrativos, percebemos que um grande destaque no narrar das participantes eram questões relacionadas a materialidade biológica que ainda impera no ensino dos corpos, pois não é incomum que durante a visita a Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” os/as estudantes recorram às monitoras para buscar diagnósticos médicos e relatar enfermidades relacionados às suas experiências. Também não é incomum que ocorram situações desafiadoras que tensionam as marcas de gêneros e sexualidade inscritas nos corpos, já que antes mesmo da entrada das/os estudantes na Exposição, as/os professores/as dão orientações e até mesmo repreensões: em geral, às meninas é recomendado que se comportem de maneira dócil, obediente e gentil, enquanto que os meninos são orientados a controlar seus “movimentos violentos”, pensamentos e comentários inapropriados. Para Claudia Vianna e Daniela Finco (2009), é fundamental que se supere essas naturalizações dadas a partir das diferenças biológicas, já que ao considerar natural que as meninas sejam mais dóceis e obedientes enquanto os meninos são mais “violentos” somos condescendentes com a construção social das relações de gênero.

Ao se referir à conversa que temos na Exposição sobre concepção e gestação como

algo quase que mágico: “gerar uma vida”, essa professora deixa uma marca nessas estudantes. Sabemos que a maternidade é imposta às meninas desde muito cedo, geralmente em casa com bonecas e o ensino de cuidados específicos, mas neste caso também é marcada num espaço de aprendizado, por uma figura também feminina, que é tida com carinho por seus/suas estudantes, figura esta a qual eles/elas confiam e entendem como “detentora de verdades”. Este tipo de comportamento reforça as inscrições de gêneros nos corpos das/os estudantes, pois busca controlar seus corpos e limitar suas expressões, linguagens e até movimentos.

Entendemos gênero como uma construção social interpelado no e por discursos, por isso, para que possamos problematizá-lo é preciso situar tais discursos. Na trama social, há discursos institucionalizados que se localizam tanto na família, quanto nos espaços educativos, na medicina, nas ciências e biologia, nas religiões, e estes buscam categorizar os sujeitos, na maioria das vezes por uma lógica binária.

Assim sendo, as questões de gênero e sexualidade estão presentes nos espaços educativos, portanto a Exposição enquanto um espaço educativo generificado, tem uma pedagogia cultural que produz “valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações e constituem certas relações de poder” (MAGALHÃES, 2013, p. 65) e possibilita a discussão de questionamentos a serem desconstruídos não só por parte das/os estudantes, mas também por partes das/os professoras/es que as/os acompanham.

Além disto, a obrigatoriedade de hábitos religiosos como a reza da oração do Pai Nosso, associado às religiões cristãs, em uma escola pública de um país laico além de problemático por violar não só a laicidade do país como a liberdade religiosa individual de cada estudante, também atua nesta rede de discursividade que busca controlar os corpos e as expressões destas e destes estudantes.

Para Fátima Lucia Dezopa Parreira e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2008, p. 3), a religião “vale-se de elementos da ciência, ao defender o corpo saudável a partir da contenção dos desejos, do refreamento ao gozo dos prazeres” por isso, o que vemos muitas vezes associados a moral cristã, que Foucault nomeia como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc” (2009, p. 33), são condutas proibicionistas e até mesmo punitivistas a respeito do sexo e suas práticas. O uso dos ensinamentos das ciências e biologia para legitimar recomendações de cuidado e prudência nas práticas sexuais, sob a cortina dos cuidados com o corpo e da saúde física, na

verdade revelam o quanto ainda hoje, campos como as ciências e a religião ocupam-se da sexualidade.

A guerra de braços, motivo do sermão da professora, é uma atividade esportiva onde cada desafiante, aplicando força muscular, tenta fazer o adversário desdobrar o braço. Por não utilizar nenhuma genitália para praticá-la e sim os braços, não deveria ser associada a meninos e nem a meninas, no entanto para esta – e tantas outras – professoras, é uma atividade masculina e portanto, uma menina ao praticá-la está fugindo à lógica do que lhe é esperado.

Buscando interrogar essas lógicas e direcionar nossos olhares para a historicidade dos corpos, ou seja, as marcas que culturalmente são impressas nesses pelas práticas sociais, buscamos criar condições para pensarmos o corpo para além da materialidade biológica, como uma "produção" processada a partir das práticas sociais com as quais interage desde que nasce, ou mesmo antes, já que culturalmente desde a descoberta de uma gravidez, surgem perguntas como: é menino ou menina?! e a partir da descoberta da genitália do bebê, um conjunto de práticas começam a operar sobre este: para as meninas, o quarto é pintado com cores como rosa e lilás, decorado com enfeites “delicados”, com temáticas como bailarinas, bonecas e ursinhos, enquanto que para os meninos mais cores podem ser utilizadas, - desde que não seja o rosa e nem o lilás - assim como as temáticas podem ser mais diversas: planetas, safari/zoológico, circo, meios de transporte, super heróis, futebol.

Estes elementos, juntamente com as práticas culturais cotidianas, que são imbricadas de relações de poder, fazem com que diferentes sentidos sejam atribuídos – aquilo que é “verdadeiro” para determinado grupo social – como meninos não poderem chorar e meninas, não poderem praticar a queda de braços.

Por isso buscamos interrogar essa noção vigente de como a descoberta de uma certa genitália, a partir da qual se associam determinados atributos sociais, vai inscrevendo e tornando corpos de meninas ou de meninos. Mesmo que ainda hoje, o sexo biológico apareça como efeito de uma herança genética e de funções de estruturas anatômicas interpretadas como “do homem” ou “da mulher”, entendemos, assim como Souza (2013, p. 22) que “não se nasce menino ou menina, homem ou mulher, mas ao nascer já se é posicionado como isso ou aquilo, sendo transformado em tal sujeito nas práticas sociais cotidianas” Isso não significa negar a materialidade biológica – esta existe de fato – no entanto, tal realidade não é pré-discursiva, e sim, efeito das práticas sociais (BUTLER, 2003).

Pensando o outro “causo”, mesmo após uma conversa com a turma buscando tirar as dúvidas a respeito tanto do orgasmo feminino quanto do masculino, ainda é perceptível que

enquanto os meninos falavam abertamente do assunto, as meninas se retraíram após alguns olhares de desaprovação tanto da professora, quanto de alguns/algumas colegas. A estudante que saudou a resposta do gozo, parou de participar ativamente da conversa e foi ficando de canto, cabisbaixa. Isto nos leva a refletir, que por mais que tenhamos tentado trazer diferentes aspectos para a conversa, muitas dúvidas deixaram de ser sanadas neste dia por uma questão de gênero, afinal, das meninas é esperado recato, principalmente em assuntos que envolvem a sexualidade, enquanto dos meninos é incentivado que estas dúvidas sejam respondidas.

Acontecimentos como este nos mostram que embora questões referentes à sexualidade estejam tanto no nosso cotidiano, quanto nos espaços educativos, são temáticas que muitas vezes são tratadas como tabu, sendo evitadas, tidas como obscenidades, o que acarreta tanto em uma senhora de cinquenta e cinco anos que desconhece o nome e a anatomia de órgãos – embora conheça seu funcionamento na prática, como salienta –, quanto em estudantes que não conseguem controlar o riso ao se referir aos nomes anatômicos, preferindo criar apelidos buscando fazer do momento de falar dos órgãos sexuais, o menos obsceno e condenável possível. De acordo com Deborah Britzman (2000) quando se trata de discutir temáticas ligadas à sexualidade, o que se espera dos/as estudantes são respostas que não fomentem discussões que se aproximem dos tabus ou de questões de ordem moral e/ou religiosa, “tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas ou erradas” (BRITZMAN, 2000, p. 84). Ao não incentivar as discussões de questões relacionadas aos prazeres, desejos e cultura, o processo de ensino aprendizagem mantém-se nas universalizações relativas à sexualidade, em que as discussões sobre sexo são controladas e manipuladas, fomentando a criação de padrões, estereótipos e até mesmo discriminações.

Um dos pontos chave da experiência da Exposição é falar sobre educação para a sexualidade de maneira educativa e (in)formativa com os/as estudantes, já que estamos de frente com crianças e adolescentes que muitas vezes já iniciaram suas vidas sexuais e nosso papel não é julgar, mas sim de informar sobre como tornar essas experiências mais saudáveis, com proteção e consentimento. Nesse sentido, ao compreendermos os efeitos biossociais e suas manifestações na materialidade biológica, para Nádia Souza (2019) vai se imprimindo um gênero e uma sexualidade aos corpos, e, desta forma, nas práticas cotidianas, imbricadas por relações de poder, que aprende-se e incorpora-se “verdades” sobre as sexualidades.

Essas “verdades” variam de acordo com determinado grupo social em que os sujeitos estão inseridos, da mesma forma em que se vai construindo diferentes formas de pensar e de interpretar a si próprio e aos demais conforme aquilo que se atribui como verdades à sexualidade e ao sexo. Isso não significa negar a materialidade biológica existente nos órgãos

genitais cujo funcionamento, como a produção de hormônios, afeta outros órgãos, e provoca sensações, mas trata-se de interrogar aquilo que se diz e se faz, aquilo que se toma como “verdade” para agir em relação ao corpo de acordo com o “sexo”.

Muitas vezes, os/as estudantes não têm a oportunidade de ter um espaço aberto e que se sintam à vontade para tirar suas dúvidas sobre seus próprios corpos, questões de gênero e sexualidade mas a Exposição emerge enquanto um lugar sem qualquer tipo de repreensão, cuja intenção é deixá-los descontraídos e a vontade para tirar qualquer dúvida que possam ter tanto sobre seus corpos, sexualidades, quanto sobre hábitos de higiene, assunto que gera inúmeras discussões, desde a professora que fala do cheiro que fica na sala de aula após a aula de educação física, à debates sobre as propagandas de sabonetes íntimos femininos e o número alarmante de amputações penianas por falta de higiene que ocorrem todo ano no Brasil. Para Cristina Varela e Paula Ribeiro (2017, p. 23)

Mais do que preocupar-se com a ‘educação’ de crianças e adolescentes no intuito de educar seus corpos, a proposta que se articula com a ‘Educação para a Sexualidade’ tem por intenção constituir a partir do diálogo, da problematização e da desconstrução de discursos naturalizados, caminhos para a vivência da sexualidade, livre de tabus e preconceitos. Nesse sentido, consideramos que propostas educacionais desenvolvidas nos diferentes espaços educativos precisam se preocupar com o respeito às diferenças e com o enfrentamento às violências.

Portanto, o que buscamos ao discutir as experiências e ‘causos’ é trazer elementos para se pensar os corpos e as diferenças sexuais para além da visão do determinismo biológico, pensando que mesmo antes do nascimento existem intenções, expectativas, pensamentos, interações ambientais e interpessoais que atuam sobre os corpos. Assim sendo, temáticas como as da educação para a sexualidade, devem encontrar nos espaços educativos propostas que tanto promovam, quanto desenvolvam discussões sobre a temática. Sendo de suma importância que se discuta e problematize mais do que a gravidez não planejada, IST’s e AIDS, mas se pautem também as questões de gênero, LGBTI+, as múltiplas identidades, os desejos...

5. 3 Feira do Livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade

A experiência da Exposição “Uma aventura pelo Corpo Humano” na Feira do Livro também foi importante. Lá o grupo que participa da Exposição é muito diverso em termos de idade, então era preciso achar uma linguagem intermediária para que todos entendessem o que

estava sendo dito. Na primeira vez que montamos a Exposição na feira, as pessoas paravam para assistir o grafite sendo feito nas paredes, perguntavam o que era aquilo ali, então nós tivemos que ir explicando. Todo mundo queria saber o que era aquele buraco, aí então quando eu disse para ele que ali eu queria uma bunda bem grande e que ali o buraco seria o ânus, ele disse assim: Mas tu tem certeza? É para fazer isso mesmo? Depois não vai dar problema? E eu disse: não, é isso mesmo, pode fazer a bunda e o ânus. Depois de pronto, eis que passa uma senhora, para, olha, olha e diz: Ô minha filha, isso aqui é o que eu tô pensando? Aí eu disse assim: Não sei o que a senhora está pensando, mas é uma bunda e um ânus, e ela respondeu: Mas que pouca vergonha, onde já se viu estarem fazendo isso. Aí nos deu uma grande lição de moral e fez reclamações por nós estarmos mostrando uma bunda ali, afinal de contas era a Feira do Livro promovida pela Universidade. Então na verdade a maior parte das pessoas entrou na brincadeira, queria fazer foto saindo pelo ânus, mas pela questão dessa senhora o grafiteiro ficou preocupado e propôs que apagássemos a arte, então tive que explicar que esse era o propósito da atividade. Então nós seguimos fazendo o restante da parte de fora e de dentro com os grafites e aí as visitas já em seguida começaram, foi público recorde sempre, todas as vezes em que a gente levou a atividade para a feira do livro foram visitas muito numerosas e que nos agrada bastante, já que a gente pode estar contemplando a comunidade e comunidade escola já que a gente passa o ano inteiro agendando visita das escolas do município de Rio Grande e dos municípios do entorno. Isso é uma coisa que nos gratifica muito, estar pensando sempre em novidades para essa atividade, que na feira, recebeu cadeirantes, idosos, pessoas com carrinhos de bebês, pessoas com deficiência visual e nos levou a pensar muitas coisas, a questão da inclusão, a acessibilidade da Exposição, já que ao entrar de cadeiras de rodas ou carrinho de bebê, a pessoa não consegue sair junto com as outras pessoas, precisa voltar pela boca, as questões táteis que não estão presentes em todos os órgãos, enfim, coisas que queremos trazer para atender os/as estudantes na FURG, ou para uma próxima vez que ela for montada na feira do livro, que é esse espaço educativo diferente, ao qual a Exposição se inseriu.

A feira do livro realizada pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG atua como um importante evento cultural na praia do Cassino a quatro décadas, tendo realizado até o momento 47 (quarenta e sete) edições, sendo uma parte importante do legado extensionista da universidade para a cidade do Rio Grande e região. Para a ex-reitora Cleuza Dias (2019), a feira “é um marco importante na história da FURG, pois registra a trajetória de uma universidade que nasce em Rio Grande e se expande não só pela região sul a partir de seus

campi, mas pelo mundo, com a experiência das pessoas que forma através do ensino, com a pesquisa e a extensão que realiza, e com a cidadania que promove”.

Todo ano, a Feira do Livro proporciona uma gama de atividades culturais ao público visitante, como teatros, eventos musicais, e a “Rua das Crianças” que conta sempre com a parceria do CEAMECIM, levando atividades como a Exposição “Uma aventura pelo Corpo Humano” para o público geral, além disso, a feira reúne um vasto número de livreiros, escritores/as, professores/as, estudantes e turistas.

Por contar com um espaço físico amplo e uma grande variedade de atividades, todo ano a feira tem um contingente maior de pessoas que circulam e participam das inúmeras programações oferecidas, por isso, a Exposição, enquanto um espaço educativo, busca contemplar os mais diferentes tipos de públicos, passando desde o público escolar, funcionários/as da feira, aposentados/as, até as mais diversas ocupações.

Essa diversidade de público faz com que questões como um ânus à mostra, mesmo sob a cortina do ensino puramente biológico do corpo – afinal, vindo de fora, sem o contexto do que é falado na visita à Exposição, é apenas o desenho de um órgão comum a todos os corpos – seja tensionado.

Desde crianças, aprendemos a conceber a imagem do ânus com uma associação negativa, um órgão sujo e repugnante que não deve ser tocado, se não para a higiene. Assim, o “cu”, nome que é amplamente difundido para o órgão, se torna o lugar de xingamentos, insultos, associações negativas, e cada pessoa deve cuidá-lo, mantendo-o a princípio recluso, limpo, secreto e intocável (PERES *et al.*, 2014).

Para Guy Hocquenghem (1980, p. 07) essas associações negativas, buscavam esquadrihar os prazeres do corpo. Ao subverter essas relações e introduzir uma “profunda reforma nos costumes” e “remodelar as relações sociais”, podemos assumir a ideia transgressiva de que “o buraco do nosso cu não é nem vergonhoso nem pessoal, é público e revolucionário”.

Ainda segundo Hocquenghem (2009), pensar o cu desta forma, subverte relações sociais, recuperando a pluralidade dos desejos e prazeres. Olhar, portanto, o mundo pelas “lentes dos olhos do cu” é uma condição para mudar as perspectivas dominantes forjadas nas matrizes heteronormativas de dominação.

Por estarmos sempre dispostas a ouvir e dialogar com tensionamentos como este, é que desde a primeira montagem da Exposição na Feira, em 2015, buscamos sempre nos atualizar, e atualizar também o espaço da Exposição, trazendo novas provocações para com o público.

Tudo isso nos faz compreender o espaço da Feira como mais que um evento comercial, como um evento cultural e educacional complexo, com práticas e representações em circulação, que ensinam e posicionam os sujeitos sobre modos de integrar-se à cultura, além de delinear identidades culturais para a cidade, a feira e seus/suas participantes.

Embora a maioria dos visitantes da Exposição sejam as/os estudantes das escolas ao longo do ano letivo no CEAMECIM, pensar no espaço da feira do livro, é também pensar na aproximação das discussões do corpo biossocial para além da escola, em um espaço de aprendizado que também possui uma pedagogia cultural, ou seja, particularidades no seu processo de ensino/aprendizagem que permitem a construção de outros significados, possuindo recursos capazes de aproximar e despertar o interesse, estimular a curiosidade e possibilitar uma aproximação com o objeto a ser estudado, ou seja, espaços que contribuam para elaboração de novas formas de conhecimento e que permitem construir outros significados, buscando contribuir com mudanças significativas na realidade dos/as educandos/as, onde importantes provocações emergiram e levaram a Exposição à mudanças.

Pensar o espaço da feira do livro, portanto, é pensar também em museus e centros de ciências, segundo Wolinski (2011), nestes locais os conhecimentos científicos são abordados de diferentes maneiras, fugindo dos padrões muitas vezes estabelecidos nas escolas, pois são mais dinâmicos, não possuem caráter obrigatório e o público alvo não são somente estudantes. Além disso, leva-nos também a refletir o papel da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” na Feira do Livro da FURG, que possibilita uma interação entre os/às mais diversos/as visitantes, potencializando “um efeito catalisador sobre as ações pedagógicas, ao integrar uma função social real à produção do conhecimento ali desenvolvida” (FALTAY; OLIVEIRA, 2008, p. 332)

A divulgação científica se preocupa em minimizar os efeitos do distanciamento entre as Ciências e a população, e busca se aproximar da sociedade de forma que pesquisas e trabalhos de origem acadêmica possam ser não só acessados, mas compreendidos pela população em geral, através de vários artifícios como ilustrações, traduções, recursos visuais, eventos, feiras, entre outros (FRANÇA, 2015). Portanto, entendendo a Divulgação Científica enquanto pensada para informar o público em geral, nos aproximamos da Extensão Universitária por entendê-la, como processos sociais e científicos de interação interdisciplinar e educativo que permitem envolver, por meio da troca de experiências, a universidade e a sociedade (CARDOSO *et al.*, 2021).

Portanto, entender a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” enquanto um potente espaço de extensão universitária na Feira do Livro da FURG, é fortalecer uma visão

mais democrática atribuída a atividades científicas que incorporam também as ciências sociais, promovendo uma maior interação entre as ciências, a cultura e a arte, valorizando os aspectos culturais e humanos da ciência e estimulando a participação popular no debate sobre os corpos.

No entanto, se buscamos estimular a participação popular no debate sobre os corpos, todos estes devem estar inclusos. Para Marcelo Pereira dos Santos,

Estar Incluso e participar, são inerentes à dignidade humana, devendo, portanto, todas as pessoas exercerem seus direitos, independente de suas diferenças individuais, sejam elas deficiência ou outra qualquer. No campo do ensino, isto se reflete na ampliação de táticas que buscam promover a pura equalização de oportunidades. (SANTOS, 2011 p. 16).

Pensar a acessibilidade, definida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (2004) por meio da norma NRB 9050, como a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliários, equipamentos urbanos e elementos, nos impulsiona a refletir sobre o espaço físico da Exposição e, desta forma, pensar sobre os desafios de uma proposta de ensino sobre os corpos que busca valorizar as diferenças, mas que ao mesmo tempo, tem suas limitações.

“Ao entrar de cadeiras de rodas ou carrinho de bebê, a pessoa não consegue sair junto com as outras pessoas, precisa voltar pela boca, as questões táteis que não estão presentes em todos os órgãos, enfim, coisas que queremos trazer para atender os/as estudantes na FURG, ou para uma próxima vez que ela for montada na feira do livro, que é esse espaço educativo diferente, ao qual a Exposição se inseriu”. Essas limitações estruturais da exposição mostra-nos que apesar da existência de iniciativas para garantir o acesso de todas as pessoas ao espaço da exposição, ainda há muito a ser feito, especialmente relacionado às pessoas com deficiência física que fazem uso de cadeiras de rodas.

Portanto, entendemos ser de suma importância que não só as discussões, mas também as práticas de inclusão e acessibilidade estejam pautadas para discutirmos os corpos na perspectiva que entendemos ser necessária para a Exposição, valorizando as diferenças e discutindo outros modos de ser e estar na sociedade.

6 UM ÚLTIMO MERGULHO

Ao iniciar a escrita desta dissertação, refletindo as paixões que a Exposição nos despertava, um fervilhar de ideias surgia: elaboramos propostas em que entrevistariamos as/os estudantes assim que saíssem da visita, falaríamos com as/os professoras/es... E embora pensássemos no que poderia ou não funcionar, e em alternativas, nem nos piores cenários cogitamos que o que nos atravessaria seria uma pandemia (Covid-19), e que esta nos afastaria do contato presencial por todo nosso caminho de escrita.

O desassossego desta escrita é portanto, mais do que a falta do presencial, um desassossego da alma, cheio de incertezas, por vezes doloroso, mas que nos pôs em movimento, nos arrancando de nós mesmas e nos transformando e transformando nossos objetivos e relações, fazendo com que essa dissertação fosse “sendo constituída no fazer-se” (CASTRO, 2014, p. 240), com o que foi afetando-a, buscando investigar a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” e as práticas em funcionamento neste espaço educativo.

Para isso, foi preciso uma aproximação tanto de estudos sobre os corpos, quanto de entendimentos de espaços educativos, justamente para que pudéssemos considerar a Exposição enquanto um espaço pedagógico e educativo que produz significados, e busca construir uma relação de ensino-aprendizagem com quem à visita, que é tanto diferente do espaço da escola, quanto diferente dos museus e outros espaços educativos. Para Paula Andrade e Marisa Costa (2017), no texto “Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos”:

Ao “pensar em pedagogia não em relação ao conhecimento como uma coisa feita, mas ao **conhecimento em construção**” (ELLSWORTH, 2005, p. 1), a autora discute como a mídia, os museus e a arquitetura acionam uma pedagogia que produz efeitos na construção do *self*, na “autoaprendizagem” de cada sujeito. Segundo ela, a pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo. (2017, p. 6).

Pensando nesses conhecimentos em construção, organizamos as narrativas das colaboradoras desta pesquisa de maneira coletiva, na forma de textos narrativos, sendo estes, uma composição das experiências vividas por mim e por cada participante, feitas a partir da interlocução de diferentes vivências e modos de narrar a Exposição. Ao costurar os relatos narrativos em três linhas temáticas, “A Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” - Práticas para o debate do corpo biossocial e resistências”, “Experiências e ‘causos’ - Práticas

dos corpos, do gênero e da sexualidade” e “Feira do Livro - Práticas de extensão e aproximação com a comunidade ”, buscamos tecer uma narrativa única e ao mesmo tempo plural para cada eixo, feita a partir da interlocução das narrativas dos/as participantes relacionados às experiências emergentes nos textos narrativos.

Sendo assim, na linha narrativa “A Exposição Uma Aventura pelo Corpo Humano” foi analisado de modo a refletirmos sobre a Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” e as maneiras como ela foi se constituindo, desde o princípio, com um caráter colaborativo, sua história, suas potencialidades, resistências, suas práticas em funcionamento, onde busca-se sempre a reinvenção, repensando falas, estruturas, e refletindo tanto a respeito do espaço físico da Exposição, quanto em como esse espaço reverbera nas escolas, na universidade, nas monitoras, pensando quais efeitos e aprendizagens são possíveis nas salas de aula, buscando, ao investigar a Exposição enquanto um espaço educativo que ensina e discute os corpos, que ela continue permitindo a construção tanto de aprendizagens coletivas, quanto individuais, possibilitando que cada um/a construa suas próprias aprendizagens a partir do que mais lhe interessa e fascina.

Na linha narrativa "Experiências" e 'causos'" foi analisado de modo a pensar como as palavras são potentes na produção das subjetividades, e como, de alguma forma, produzem sentidos a respeito dos corpos. Concordamos com Jorge Larrosa quando diz que,

[...] a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (LARROSA, 2014, p. 20-21).

Ainda se tratando das palavras, foi possível perceber como, a partir dos marcadores sociais atribuídos a cada gênero, criam-se expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, aos meninos e às meninas. As análises apontam um reforço, tanto por parte dos/as estudantes, quanto por parte de professores/as em entender/ensinar os corpos dentro de uma visão binária de gênero, além de reforçar as inscrições de gêneros nos corpos através de controle e limites de expressões, linguagens e até movimentos.

Na linha “Feira do Livro” foi analisado de forma a pensar como uma diversidade maior no público faz com que diferentes questões emergjam e sejam tensionadas, além de refletir as práticas e representações em circulação, que ensinam e posicionam os sujeitos sobre modos de integrar-se à cultura.

Portanto, neste momento de tecer as considerações finais, penso ser tão importante quanto pensar na construção da Exposição, pensar nos movimentos que me constituíram enquanto pesquisadora.

A escrita desta dissertação provocou intensas sensações e movimentos, quanto mais buscava os sentidos das experiências das inúmeras vozes que compunham esta pesquisa, mais entendia que o processo de pesquisa exige encarar o furacão, e com generosidade, tentar perceber o que pulsa. Sendo assim, o que posso afirmar é que esta é uma pesquisa que não busca uma certeza objetiva, com verdades inabaláveis, mas sim o exercício de (re)pensar experiências, mais uma abertura do que um fechamento, que deixa tantas perguntas quanto respostas. Não é uma solução, pois não há um problema, é como minha imagem preferida: Uma imensidão de mar, em que eu tento segurar uma porção da água na mão, fazendo dela, minha. Não importa o que seja feito, inevitavelmente essa água escorre pelos dedos e volta para a imensidão, pois embora esteja em minhas mãos, a porção de água não é só minha, faz parte de um todo e flui de forma incontrolável, assim como as vozes desta pesquisa.

Assim sendo, essa pesquisa que se constituiu em um compartilhar de narrativas e experiências se encerra, mas a Exposição “renasce” em um novo espaço (figuras 57, 58, 59), com infinitas possibilidades, desafios de como torná-la mais acessível, mais problematizadora dos entendimentos de ciência e de corpo biossocial, mas principalmente, a esperança de que tanto a visita em seu novo espaço, quanto a leitura desta dissertação, provoque inquietações, discussões e provocações.

Figura 57 - Novo Local da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



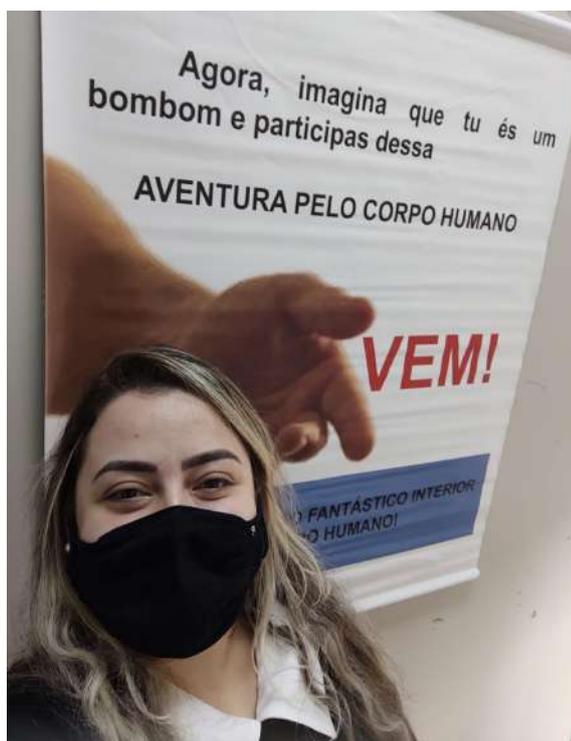
Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Figura 58 - Reconstrução da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Figura 59 - Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, v. 33, e157950, 2017.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83-111.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. **Narrative: Problems and Promises of an Alternative Paradigm**. *Research on Language and Social Interaction*, v. 30, n 4, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003. 236 p.
- CARDOSO, Maria Cristina; FERREIRA, Carolina Pacheco; DA SILVA, Cristina Martins; MEDEIROS, Gabriela de Melo; PACHECO, Geovana; VARGAS, Rebeca Maldonado. Utilização das Redes Sociais em Projeto de Extensão Universitária em Saúde durante a Pandemia de COVID-19. *Expressa Extensão*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 551–558, 2021. DOI: 10.15210/ee.v26i1.19640. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19640>.
- CASTRO, Roney Polato de. Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidade e formação em Pedagogia. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2014. 256p.
- CASTRO, Roney Polato. Formação docente, subjetividades e experiência: problematizações a partir dos percursos, pela pesquisa e pela docência. In: FERRARI, Anderson (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. p. 139 – 158.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, Brasil, 2011.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. rev. Tradução: GPNEP: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores. ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia. Estudos Culturais e Educação—expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa In: LISBOA FILHO, Flavi; BAPTISTA, Maria Manuel (Org). **Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, Programa Doutoral em Estudos Culturais. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

DA COSTA, Deyvisson Pereira; BOZZ, Augusto Flamaryon Cecchin. CORPO E DISCURSO: a noção de biopoder em Michel Foucault. **Revista Panorâmica online**, v. 12, n. 1, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 371-378, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/vc3HmxqcjLnrQpFpLwskhzm/>>. Acesso em: 01 junho 2021.

FALTAY, Paulo; OLIVEIRA, Antonio. José Silva. Itinerância e Encontro de Ciências. p. 217-220. *In*: PAVÃO, A. C.; FREITAS, D. (Orgs.) **Quanta Ciência há no Ensino de Ciências**. São Carlos: EDUFSCar, 2008, p. 332.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. *In*: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 124-148.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: O uso dos saberes. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANÇA, Andressa de Almeida. Divulgação Científica no Brasil: espaços de interatividade na Web. Dissertação de mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7131/DissAAF.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 26 de Setembro de 2019.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 29.

GROSSI, Esther Pillar. A contribuição da psicologia na educação. **Em Aberto**, Brasília, v. 9 n. 48, p. 45-49.

FERREIRA, Maria Elisa Mattos Pires. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. **Revista Ciências & Cognição**; v. 15, n. 3, 047-061. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n3/v15n3a06.pdf>. Acesso em: 16 de out. 2021.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 07 março 2020.

HARAWAY, Donna. **Um manifesto para os cyborgs**: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243 - 288.

HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homossexual con terror anal de Beatriz Preciado**. Espanha: Editorial Melusina, 2009.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a educação: o investimento político do corpo. **Revista Unimontes Científica**, v. 8, n. 2, p. 103-118, 2006.

LARROSA, Jorge. **La experiência de la leitura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

LARROSA, Jorge. Sobre a lição. *In*: LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 139-146, 2003. p. 146.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**, v. 4, p. 35-86, 1994.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LONGARAY, Deise Azevedo. **A (re) invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais**. Tese (Doutorado em educação em ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, p. 227. 2014.

MACEDO, Elizabeth. Esse corpo das ciências é o meu?. *In*: MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues. (Org.). **Ensino de biologia**: conhecimentos e valores em disputa. 1ed. Niterói: EdUFF, 2005. p. 134.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Discutindo pedagogias culturais e representações de gênero. *In*: SILVA, Fabiane Ferreira da; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Sexualidade e escola**: compartilhando saberes e experiências. 3. ed. rev. Rio Grande: Editora da Furg, 2013. p. 64-69.

MELLO, Dilma; MURPHY, Shaun; CLANDININ, Jean. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: Uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 1, n. 3, p. 565-583, 2016.

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 111p. (Col. Temas e Pensadores em Educação).

MEDEIROS, Marcelo. Pesquisas de abordagem qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 224-9, 2012.

MORAES, Alessandra Moreira Pacheco de; MENEZES, Márcia; SALOMÃO, Simone Rocha. O corpo humano como biocultural: referências africanas para a abordagem do corpo humano nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista da SBEnBIO**, n. 7, out., 2014. Disponível em:
<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0527-2.pdf>. Acesso em: dez de 2021.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Libreria da Física, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em:
http://www.curriculosemfronteiras.org/art_v16_n3.htm. Acesso em: 25 fev. 2021.

PARREIRA, Fátima Lucia Dezopa; DE QUEIROZ SILVA, Elenita Pinheiro. Ciência, sexualidade e religião: Dizeres da docência no ensino de biologia. *In*: VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. **Anais...** Rio Grande. 2018.

PERES, Willian; POCAHY, Fernando; CARNEIRO, Nuno; TEIXEIRAFILHO, Fernando. Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos. Quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). **Revista Periódicus**, v.1, mai/out., 2014. Disponível em:

<<https://www.rcaap.pt/detail.jsp?locale=en&id=oai:repositorio.unesp.br:11449/127125>>. Acesso em: 11 agosto 2021.

PRETUCCI-ROSA, Maria Inês. Uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-217, 2011. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>>. Acesso em: 30 abril 2021.

QUEIROZ, Elenita Pinheiro. **A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 202. 2010.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... A narrativa como metodologia na pesquisa educacional. *In*: SILVA, Gisele Ruiz; HENNING, Paula Corrêa (Org.). **Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 69-78, 2013.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica) Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 126, 2002.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; LONGARAY, Deise Azevedo. **Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos**. Rio Grande: FURG, 2013.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; LONGARAY, Deise Azevedo. Apresentando o artefato cultural: "Os 15 anos de Mariana". **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 5, p. 29-30, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6367>>. Acesso em: 17 novembro 2019.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. Incorporando "outras" representações culturais de corpo na sala de aula. *In*: OLIVEIRA, D. (Org.). **Ciências na sala de aula**. Cadernos de Educação Básica, vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 196.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. *In*: SILVA, Luiz Heron da. (org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 139.

SANTOS, Marcelo Pereira dos. **A inclusão escolar de alunos cadeirantes: uma questão de acessibilidade**. Monografia (Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Faculdade UAB/UNB. Brasília. p. 16. 2011.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, Lympo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. *In*: SATO, M.; CARVALHO, I. (Orgs.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHWANTES, Lavínia. **Discurso científico na Rede Nacional de Educação e Ciência: modos de produzir ciência na atualidade.** Tese (Doutorado Educação em Ciências) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, p. 166. 2015.

SCHWANTES, Lavínia. **Educação e Lazer: a produtividade do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 162. 2002.

SÉRGIO, Manuel. et al. **Alguns olhares sobre o corpo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Rosângela de Fatima Rodrigues; MEYER, Dagmar Elizabeth Estermann. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, 23, p. 136-148. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/JpMHBZ4P47Wm9mXftG6gKDR/?format=pdf>>. Acesso em: 18 janeiro 2022.

SOUZA, Nádia Geisa S. de. **Concepções sobre o processo digestivo humano: uma avaliação das diferentes compreensões percebidas em alunos do segundo grau e cursos de ciências biológicas, a partir de uma revisão histórica.** Dissertação (Mestrado em Bioquímica), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SOUZA, Nádia Geisa S. O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de Ciências. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande, FURG, 2007, p. 17-18.

SOUZA, Nadia Geisa S. de. O corpo. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; LONGARAY, Deise Azevedo (Org). **Os 15 anos de Mariana:** um convite a outras aprendizagens sobre os corpos. Rio Grande: FURG, 2013. p.19.

SOUZA, Nádia Geisa S. de. O corpo: inscrições do campo biológico e do cotidiano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, 2005, p. 169-186. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/23017>>. Acesso em: 20 novembro 2019.

SOUZA, Nadia Geisa S. de. **Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...** Tese (Doutorado em Bioquímica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 116. 2001.

SOUZA, Nadia Geisa S. de. Práticas escolares: implicações na produção do corpo, da sexualidade e do gênero. *In*: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes;

SOUZA, Nádya Geisa S.; SOUZA, D. **Histórias de nomes e a produção de identidades. Alternativas, série: espacio pedagógico**. Estudios sobre la enseñanza matemática y estadística, ciencias naturales. San Luis: Laboratorio de Alternativas Educativas, Facultad de Ciencias Humanas Universidad Nacional de San Luis, Argentina, año 4, n° 17, Diciembre, 1999, p. 199-220.

VARELA, Cristina Monteggia; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. 284 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Sísifo**, n. 7, p. 141-150, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/CrisedaModernidadeAlfredo.pdf>. Acesso em: 9 março 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades), (ident)idades... In: Garcia, R. (Ed.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro, Brasil: DP&A. 2002.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** [online]. 2009, n. 33, p. 265-283.

WOLINSKI, Alan Eduardo et al. Por que foi mesmo que a gente foi lá? Uma investigação sobre os objetivos dos professores ao visitar o Parque da Ciência Newton Freire-Maia. **Química nova na escola**, v. 33, n. 3, p. 142-152, 2011.

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências

Mestrado em Educação em Ciências

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: Investigando as potencialidades de ensino da exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”

Tipo de estudo e Objetivo do projeto: Você irá participar de uma pesquisa qualitativa que visa investigar a exposição intitulada “Uma aventura pelo corpo humano” a fim de analisar as potencialidades desse espaço educativo para o ensino dos corpos, numa perspectiva biossocial.

Resumo de como acontecerá a pesquisa: Você está sendo convidado/a para narrar suas experiências para com a exposição. Para melhor compreensão e registro das narrativas as nossas conversas serão gravadas e transcritas, onde a gravação será utilizada somente para facilitar a transcrição e em nenhum momento sua imagem será utilizada na pesquisa. Para que possa ler, acrescentar, retirar ou modificar algum detalhe, você receberá sua narrativa, concedida no momento da entrevista, após a transcrição. Fica esclarecido que o processo de realização das entrevistas se dará apenas após a aprovação do projeto no comitê de ética e pesquisa da CEP/FURG, conforme resolução ética da pesquisa.

Riscos e Benefícios oferecidos pela pesquisa: Acreditamos que essa pesquisa não oferece riscos éticos, porém a pesquisadora garantirá assistência imediata, além de integral e gratuita ao participante (Resolução 510/16, Parágrafo único: Em situações não contempladas por essa Resolução, prevalecerão os princípios éticos contidos na Resolução 466 de 2012. Resolução 466/12, Art. 2 DOS TERMOS E DEFINIÇÕES. A presente Resolução adota as seguintes

definições: II.3 - assistência ao participante da pesquisa:II.3.1 - assistência imediata – é aquela emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite), em caso de algum evento adverso relacionado à pesquisa, bem como, a interrupção imediata da pesquisa na presença de tal situação.

Cabe ressaltar que essa pesquisa oferece benefícios, como proporcionar discussões da relevância de professores/as incorporarem ao cotidiano de suas práticas escolares diferentes representações culturais dos corpos que circulam na sociedade, rompendo a lógica biologicista dominante nos conteúdos escolares.

Garantia de acesso: Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas e terá acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado. A principal investigadora é a mestrandia Tainá dos Reis Garcia, que pode ser encontrada pelo telefone (53)991373529 e/ou pelo e-mail: tainareisg@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a pesquisa entrar em contato com a pesquisadora responsável. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem quaisquer prejuízos de qualquer natureza. Ainda, em caso de necessidade, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG), órgão colegiado, de natureza consultiva, deliberativa, educativa e multidisciplinar, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que

validou esta pesquisa. O CEP-FURG tem por finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas dentro dos padrões éticos consensualmente aceitos e legalmente preconizados, baseados nos princípios, universalmente aceitos, de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade. O CEP-FURG encontra-se sediado no segundo andar do Prédio das Pró-Reitorias, na Av. Itália, Km 8, Câmpus Carreiros, fone: (53) 3237-3013, e-mail: cep@furg.br.

Retirada de consentimento: Você poderá retirar sua autorização a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Direito de confidencialidade: As informações obtidas serão analisadas em conjunto com a orientadora desta pesquisa Professora Dra. Paula Regina Costa Ribeiro, não sendo divulgada a identificação dos participantes se assim eles não autorizarem. Os dados gerados serão armazenados em um HD que ficará em caixa lacrada na sala de permanência do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE sob tutela da pesquisadora Tainá dos Reis Garcia, por no mínimo 5 anos.

Despesas e compensações: Não há despesas pessoais para a/o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. A pesquisadora reforça o compromisso de utilizar os dados gerados na pesquisa somente para utilização desta, conforme autorizado por todos os envolvidos. O/a participante tem direito a indenização pelo dano decorrido da pesquisa nos termos da Lei.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo intitulado **Investigando as potencialidades de ensino da exposição “Uma Aventura pelo Corpo**

Humano”. Eu discuti com a pesquisadora mestranda Tainá dos Reis Garcia, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso ao pesquisador quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Este documento será sempre apresentado em duas vias, uma para a pesquisadora e outra para a participante.

Nome da participante:

Nome da pesquisadora responsável:

Assinatura da participante:

Assinatura da pesquisadora responsável:

Contato da participante:

Contato da pesquisadora responsável: